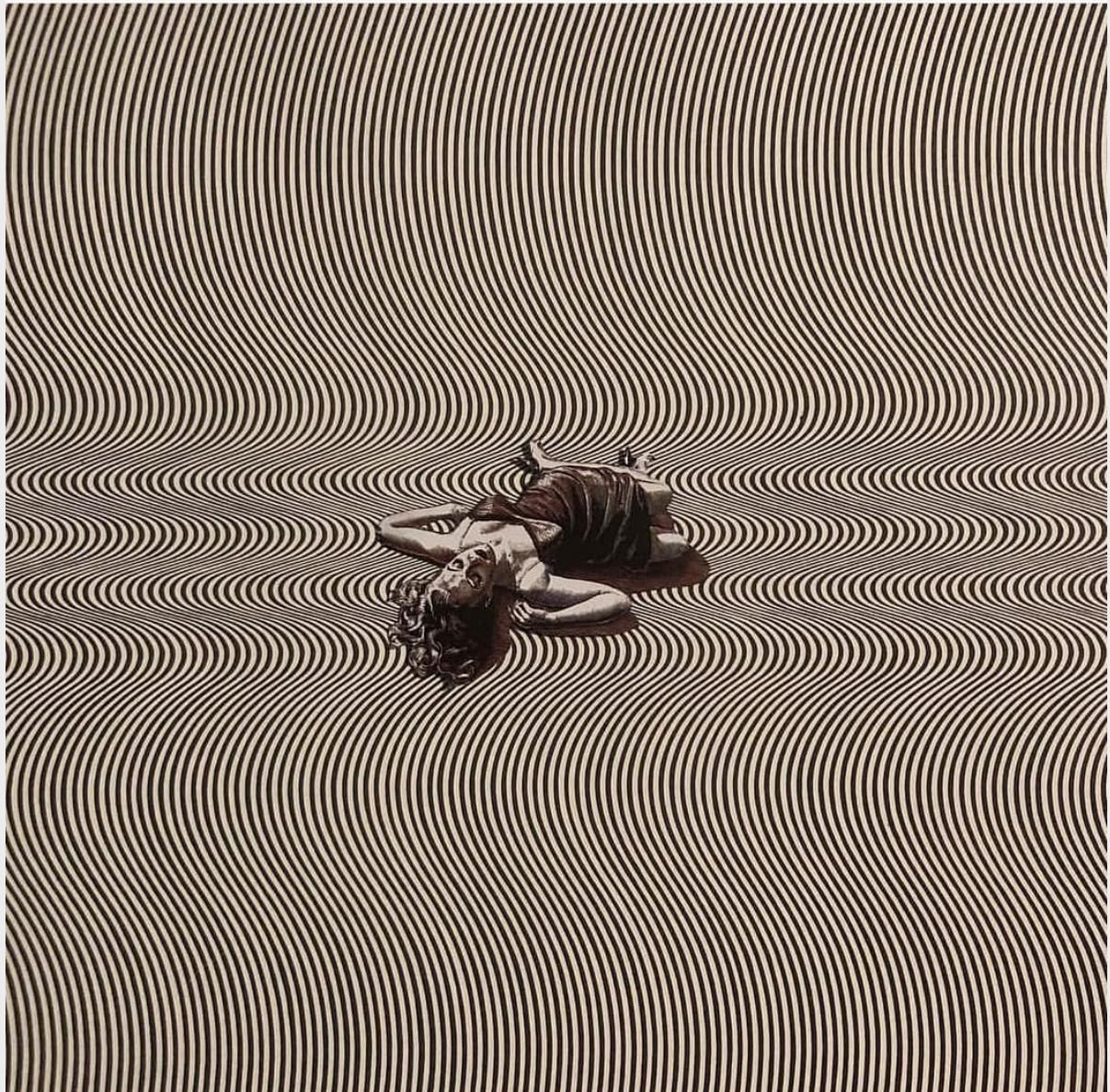


JUNHO, 2020 | EDIÇÃO #17 | APERIÓDICO

BLOCO MÁGICO

BOLETIM DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE



Copyright: @howiewonder (instagram)

PROPOSIÇÃO DA
SECRETARIA DE ENSINO
REGIMENTO INTERNO (2020)

■ 3

Sonia Leite

O LUGAR DO DESEJO
DO PSICANALISTA NA
FORMAÇÃO

■ 11

Lavínia Carvalho
Brito Neves

PRIMEIRA
RODA DE CARTÉIS
(julho, 2018)

■ 15

(Seção Rio de Janeiro)

A POLICLÍNICA
DE BERLIM:
utopia freudiana?

■ 25

Macla Nunes

E mais...

EDITORIAL

Caros leitores,

primeiramente, nós, da equipe do Bloco Mágico, esperamos encontrá-los bem e com saúde, junto aos seus, neste delicado momento pelo qual passamos. Sabemos que os tempos atuais de pandemia do Covid-19 nos exigem confinamento e invenção de novas formas de enlaçamentos sociais, e isso nos variados espaços em que atuamos.

Diante deste cenário, como pensar a transmissão da psicanálise e a análise dos analisantes neste contexto permeado pela sensação de desamparo, no qual a exterioridade e o íntimo (ex-timidade) se presentificam com a invasão da pulsão escópica e evocatória no mundo *on line*? Tal questão motivou o *Corpo Freudiano Escola de Psicanálise* a oferecer as atividades da Formação Básica e da Formação

Permanente na modalidade virtual, através da plataforma *Zoom*, com o desejo de sustentar a formação, o ensino e a pesquisa em psicanálise durante o período de quarentena.

Para esta edição, o BLOCO MÁGICO #17 promove o diálogo com a formação permanente do psicanalista e as múltiplas vertentes do desejo de saber. Um convite a pensar a instituição, o seu ensino e os laços entre os pares, ocasião que embasa a proposta de publicar aqui a *Proposição e o Regimento Interno da Secretaria de Ensino do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro*, apresentada pela Coordenadora desta Secretaria, a psicanalista Sonia Leite. No texto, recebe ênfase o pensamento de Lacan de que o ensino de psicanálise trata-se sempre de “*uma coisa engajada*”, “*não finda*.” Leitura que

reafirma, assim, ser “*o ensino da ordem de uma transmissão e a retomada dos estudos como parte constitutiva e interminável do processo de um psicanalista... os textos da psicanálise como uma palavra viva que demanda um engajamento*.”

Na sequência, a psicanalista Lavínia Carvalho Brito Neves, no texto *O lugar do desejo do psicanalista na formação*, nos convida a refletir sobre o tripé: *análise pessoal, estudo teórico e supervisão*, como também traz à discussão o seguinte aforismo lacaniano: “o psicanalista só se autoriza por si mesmo”, ressaltando a essencialidade de o analista reinventar o que sabe, de não se habituar. É como já dizia Freud: “esqueça, a cada novo caso, tudo o que você sabe.”

A fim de compartilhar a experiência de produção vivenciada por cartelizantes do *Corpo Freudiano - Seção Rio de Janeiro*, apresentamos a transcrição da *1ª Roda de Cartéis*, realizada em 03 de julho de 2018. O encontro, mediado por Marco Antonio Coutinho Jorge e Sonia Leite (Coordenadora de Cartéis), trouxe ao debate a relevância da prática do Cartel na formação do psicanalista, como assinala Lacan ao criar o dispositivo.

Sua estrutura, submetida à experiência de laboratório, provoca o livre pensar, com estratégias de incompletude de saber e com a presença do *mais-Um*, que chama o grupo ao trabalho de simbolização, propiciando, assim, o desejo de saber como laço entre os pares, dentre outras condições. Desde então, tal prática já está circulando no rol de atividades da *Escola*. No próximo dia 04 de julho, estão todos convidados a participar da *5ª Roda de Cartéis*, atividade em que teremos a

apresentação dos trabalhos individuais dos cartelizantes.

E para desfechar a presente edição, o texto de Macla Nunes, *A Policlínica de Berlim: utopia freudiana?*, nos permite conhecer as iniciativas de Sigmund Freud e de um grupo de renomados psicanalistas, ensejados a partir de sua fala, em 1918, no *Quinto Congresso Psicanalítico Internacional*, em Budapeste. Na então circunstância, o mestre realça que a psicanálise deveria ser acessível a todos cidadãos, ricos ou pobres, apontando para a expansão do campo psicanalítico por meio da criação de clínicas de atendimento social, considerando a perspectiva de um mundo pós-guerra. De modo oportuno, nos perguntamos se tal leitura não nos lança um

convite a refletir sobre a inserção da psicanálise no campo social, considerando o atual momento histórico do Brasil e do mundo.

Por fim, ressaltamos que as programações e atividades *on line* da Escola encontram-se divulgadas no site oficial e também nas páginas de *Facebook* das Seções e Núcleos.

Boa leitura e articulações!

Rio de Janeiro, junho de 2020

TANIA ROSAS
Editora

BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editora: TANIA ROSAS

Equipe: ARTHUR PEREIRA, MACLA NUNES, MARIA CECÍLIA SOUSA E THOMAS SPERONI

Secretaria de Publicações: TANIA ROSAS

blocomagico@corpofreudiano.com.br

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

contato@corpofreudiano.com.br

www.corpofreudiano.com.br

BRASIL

SEÇÕES

Belém (PA)

Campos dos Goytacazes (RJ)

Cuiabá (MT)

Fortaleza (CE)

Goiânia (GO)

Imperatriz (MA)

Rio de Janeiro (RJ)

São Luís (MA)

Teresina (PI)

NÚCLEOS

Barra Mansa (RJ)

Dourados (MS)

João Pessoa (PB)

Macaé (RJ)

Nova Friburgo (RJ)

São Paulo (SP)

Teresópolis (RJ)

Vassouras (RJ)



FRANÇA

SEÇÃO

Paris

ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO

Boston

PROPOSIÇÃO DA SECRETARIA DE ENSINO

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE – SEÇÃO RIO DE JANEIRO

Por SONIA LEITE

O que a psicanálise ensina, como ensiná-lo?

Jacques Lacan
1957

Na Conferência “Lugar, origem e fim do meu ensino”, Lacan destaca que, no que diz respeito ao ensino da psicanálise, trata-se sempre de “uma coisa engajada”, “não-finda”, que está sempre por se concluir. Dentro dessa perspectiva, considera a importância do *lugar* desse ensino na formação permanente do psicanalista, pois trata-se de um lugar onde um ato empurra o psicanalista, convocando-o a insistir em algo essencial que o toma inteiramente e de forma radical. Lembra, nesse sentido, que a função do psicanalista não é algo *natural*, pois “ela não existe por si só no que tange a atribuir-lhe seu status, seus hábitos, suas referências e justamente seu lugar no mundo” (LACAN, 1967, p.13). Da mesma forma, Lacan já havia insistido em que não existe qualquer perspectiva de naturalidade no conceito de inconsciente, cuja experiência fundamental envolve sempre o elemento surpresa e, por isso mesmo, a necessidade de tomá-lo como uma hipótese a ser verificada em cada atendimento clínico. Tais pontos nos remetem à ideia de que existe uma continuidade moebiana na

lógica que norteia o campo conceitual, o prático e a formação em psicanálise.

A importância desses *lembretes* é que se colocam na contramão de qualquer ideia de algo já dado de uma vez por todas, por mais que o significante inconsciente, a partir de sua difusão no campo social, por exemplo, seja muitas vezes tomado como obviedade. Considera, assim, que se, por um lado, “Quando uma coisa foi dita e repetida certo número de vezes, isso passa à consciência comum” (LACAN, 1967, p.25), por outro lado, não devemos esquecer que “o verdadeiro é sempre novo” (idem, p.25). Em outras palavras, “Tudo leva a crer que o que a verdade diz não o diz absolutamente da mesma forma que o discurso comum o repete” (LACAN, 1967, p.25), o que nos leva a sublinhar a importância de que o ensino, também, seja da ordem de uma transmissão.

As palavras de Lacan traduzem de um modo muito efetivo a especificidade da formação do analista que, sendo algo permanente, afirma a necessidade de retomada dos estudos como parte constitutiva e interminável do percurso de um psicanalista. Trata-se de tomar os textos da psicanálise como uma palavra viva que demanda um engajamento.

É dentro dessa proposta que Marco Antonio Coutinho Jorge discorre sobre a estrutura da formação psicanalítica (COUTINHO JORGE, 2006) e aquilo que denomina de *travessia da teoria*. Segundo ele, a transmissão em psicanálise, para além da *informação* e da *teoria*, se traduz na possibilidade da passagem de algo que articula a experiência singular (particular) a algo de cunho teórico (universal).

Tal estrutura é sustentada por um tripé que avança na seguinte perspectiva:

- 1) **Análise pessoal:** uma psicanálise (particular)
não-saber – S(A)
- 2) **Ensino teórico:** a psicanálise (universal)
saber – S2
- 3) **Supervisão clínica:** uma + a
sintoma – saber não-saber

Nessa proposta, identificamos o nó borromeano de Lacan e, portanto, a presença de uma indissociabilidade dos três elementos para se pensar a formação psicanalítica.

Em sua conferência “O saber do psicanalista”, (LACAN, 1971-1972; aula de 04/11/1971), ao indagar o que seria a topologia e as relações entre Real, Simbólico e Imaginário, Lacan declara que é aquilo que se aborda em primeiro lugar por relações não assimétricas, por relações deformáveis. Indica que esse é o caso dos três círculos do nó. Cada um é uma coisa fechada, flexível e que só se sustenta encadeado aos demais. Nenhum se sustenta sozinho. Considera, portanto, que as relações aí são de pura significância, e é na medida em que são três termos, são três que vemos se estabelecer, pois é a presença do terceiro que possibilita uma relação entre os outros dois.

Com relação a **UMA** psicanálise, o que se destaca aqui é o Real em jogo que exige, de cada um que vive a experiência analítica, um *saber-fazer* que se impõe na medida em que o que se apresenta é o encontro com a falta radical no Outro e, portanto, a presença irreduzível do *não-saber*.

Quanto **A** psicanálise, em seu sentido universal, temos o ensino dos conceitos fundamentais, ou seja, a necessária construção simbólico-imaginária de produção de sentido (COUTINHO JORGE, 2006) a cada vez que um analista em formação se apropria da teoria psicanalítica. Dessa maneira, do mesmo modo que a travessia da fantasia em uma psicanálise, a travessia da teoria, no ensino, envolve, necessariamente, um processo de luto que desconstrói a teoria como um ideal a ser alcançado de forma definitiva. Tal fato inclui, portanto, a experiência da angústia e o seu atravessamento como contraponto nesse percurso (LEITE, 2012).

A supervisão clínica tem como objetivo possibilitar a articulação entre **UMA** psicanálise e **A** psicanálise e, por não se confundir com qualquer forma de controle, se constitui em um espaço privilegiado para que um psicanalista tome a palavra, produzindo uma articulação entre a análise pessoal e o estudo teórico. Nesse sentido, a principal função da supervisão é favorecer essa articulação. Tal perspectiva se situa, exatamente, no que se pode denominar de investigação em psicanálise que não admite a ideia de exterioridade do pesquisador/psicanalista na relação com seu campo de pesquisa.

A supervisão clínica se caracteriza, assim, como lugar favorecedor da descoberta de um estilo próprio na medida em que, como

afirma Paul Laurent-Assoun (1976), a psicanálise tem um estatuto misto que necessita de conceitos fundamentais (universais), mas tais conceitos só ganham relevância à luz dos fatos da experiência de cada um.

Introduzo, aqui, a importância de se considerar um quarto elo no nó borromeano (análise pessoal, ensino teórico e supervisão/investigação): **a escrita**.

Na medida em que se considera que aquilo que se visa em uma análise é o *saber fazer* com o real, a escrita pode ser considerada o elemento que enoda os três elementos do tripé da formação permanente. É necessário escrever/reescrever sobre o que *não cessa de não se escrever*.

A escrita, desse modo, é um ato privilegiado de inscrição de um lugar para o sujeito e, simultaneamente, um lugar de registro do percurso do psicanalista em formação permanente na Escola.

Nessa perspectiva, a escrita é, também, um sintoma que inscreve o sujeito, construindo um lugar a partir de onde o desejo pode emergir com seus impasses constitutivos. A escrita é sempre um ato marcado pela castração, confrontando o sujeito com a impossibilidade de tudo escrever/dizer, mas, permitindo que algo do desejo aí se inscreva. Sua importância também reside no fato de que se, por um lado, a travessia da teoria é interminável (COUTINHO JORGE, 2006), por outro, a escrita é um ponto de basta, um momento de concluir algo d'isso que é interminável. Por tal fato, é fundamental a convocação da escrita de trabalhos para todos os analistas em formação na Escola – através de Jornadas, Encontros e Colóquios.

Além disso, a escrita de textos é um dos móveis – não o único, pois ele também comparece no ensino através da fala – privilegiados para o analista elaborar seu estilo. Fazendo eco a algumas observações de Freud no que diz respeito à necessária liberdade do analista em sua prática (COUTINHO JORGE, 2017), Lacan insistiu na importância da noção de estilo do analista para substituir a ideia de técnica analítica (PORGE, 2001 apud COUTINHO JORGE, 2020). Podemos dizer que o estilo do analista é, na prática analítica, aquilo que permite esvaziar a idealização pseudocientífica, presente na noção de técnica analítica. Mais essencialmente ainda, o estilo do analista, em suas diversas manifestações, é tributário de sua posição ao fim da análise, ao atravessar a fantasia e bem-dizer o sintoma. A noção de estilo do analista é o que permite situar com precisão a prática analítica e a atividade de transmissão do analista *entre* ciência e arte (COUTINHO JORGE, 2020).

Falar de ensino, portanto, em psicanálise não se limita a considerar o conhecimento dos textos e conceitos fundamentais. O que se apresenta como um desafio para toda a Escola, em sua função de sustentação dos princípios analíticos, é a construção de modos de funcionamento institucional que viabilizem uma transmissão capaz de conjugar o estudo rigoroso dos conceitos associado à construção de um estilo que afirme a existência de uma falta real que atravessa a constituição do campo psicanalítico.

A ESTRUTURA DO ENSINO NO CORPO FREUDIANO: Regimento Interno (2020)

A Secretaria de Ensino do Corpo Freudiano se compõe de dois eixos principais, articulados entre si:

1º) Formação Básica (FB): A FB é oferecida na forma de módulos semestrais, com os temas e conceitos cruciais da psicanálise e cujas aulas são ministradas pelos psicanalistas do Corpo Freudiano. A FB é a garantia mínima oferecida pela Escola para aqueles que iniciam seu percurso ou que retomam seus estudos de psicanálise.

A FB tem como objetivo apresentar para aqueles que se aproximam da Escola os pontos teóricos que são o sustentáculo da formação do psicanalista. Na medida em que engloba o estudo dos conceitos fundamentais, que orienta toda a pesquisa nesse contexto, a lógica da transmissão aqui presente é a de uma verdadeira abertura para o campo conceitual em suas relações com a ética da psicanálise. A palavra **básica** ressalta, aqui, a perspectiva de *fundamento*, de *pilar* em referência à estrutura da formação do psicanalista.

Tendo-se em vista que o espaço da FB, muitas vezes, acolhe pessoas que estão ainda iniciando um percurso teórico-clínico em psicanálise, torna-se fundamental que a fala do psicanalista no ensino, ao se dirigir para um público, favoreça a emergência do desejo de saber capaz de inserir cada um no seu percurso singular na psicanálise. Isso se possibilita na medida em que, ao contrário da rigidez, a serviço do eu, o que deve prevalecer é o rigor conceitual aliado à experiência do psicanalista no ensino. Tal associação do rigor com a experiência particular gera a possibilidade de flexibilização do linguajar técnico que, sem tamponar os enigmas teóricos, pode mobilizar pontualmente a emergência do

desejo de saber a partir de cada módulo apresentado.

Nesse sentido, torna-se fundamental a *abertura* e o *acolhimento* em relação aos significantes dos sujeitos-alunos, pois tal atitude favorece a instauração de uma disponibilidade psíquica receptiva ao novo introduzido nas aulas. Tendo em vista essa questão, o psicanalista que ministra as aulas na FB deve se implicar, valorizando e acolhendo as questões que são levantadas por pessoas de diferentes áreas de conhecimento.

Os psicanalistas da Escola que forem convidados a ministrar as aulas da FB farão, a partir da orientação geral da Coordenação de Ensino, permuta ao longo dos módulos e entre um módulo e outro do curso. Tal proposta favorece, por um lado, que os analistas ensinantes possam viver essa experiência como fator necessário à Formação Permanente, pois, na medida *em que se ensina, também se aprende*, mas também, visa-se que a Escola seja, num sentido amplo, um *laboratório* que permita o exercício de diferentes funções e responsabilidades.

O Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro estabelece cinco módulos, distribuídos ao longo de cinco semestres, relativos a Formação Básica, em Freud e Lacan:

- ÉDIPO E CASTRAÇÃO;
- ESTRUTURAS CLÍNICAS;
- REAL; SIMBÓLICO; IMAGINÁRIO;
- INCONSCIENTE E PULSÃO;
- TRANSFERENCIA E REPETIÇÃO.

Como indicado anteriormente, a escrita, aliada à apresentação de trabalhos na Escola, se configura em um momento crucial que enoda e demarca o percurso na

formação do psicanalista. Concluir algo, nesse sentido, é fundamental visto a característica *interminável* da formação permanente do psicanalista. Tendo em vista esse propósito, a Escola oferece as **Jornadas Internas e as Rodas de Cartéis**, que serão descritas mais adiante.

Para concluir o percurso na FB, será necessária a apresentação de dois trabalhos que incluam temas apresentados nos módulos e um terceiro trabalho clínico¹ que não precisa se restringir aos temas dos módulos da FB. Tais trabalhos serão apresentados na Jornada Interna do Corpo Freudiano.

2º) Formação Permanente (FP): se constitui de atividades oferecidas pela Escola na forma de seminários, grupos de estudo, laboratórios, cartéis, cursos e redes de pesquisa. Tais atividades têm como objetivo fundamental possibilitar que o *movimento* psicanalítico (FREUD, 1914) se mantenha presente na Escola através de uma frutífera transferência de trabalho entre os pares, a partir de temas de estudo que são lançados a cada semestre e em articulação com os Encontros Nacionais e Internacionais.

Atividades da Formação Permanente:

Seminários

Quando um psicanalista lança a proposta de um seminário na Escola, é preciso considerar dois pontos principais. Primeiro, o tema a ser lançado deve apontar para um caminho já percorrido de estudo e aprofundamento de onde emergem questões que ainda

insistem provocando o desejo de saber do psicanalista. O segundo ponto é que, apesar disso, por não se tratar de um saber acabado, o seminário deve ser considerado um lugar ou um “meio no qual algo se origina e se propaga”. Por isso, Lacan indicou que o seminário era o lugar no qual ele não se cansava de *passar o passe* e também de *onde ele falava do lugar de analisando*.

Nesse sentido, é muito promissora a origem latina da palavra *seminário*: *seminarium*, “viveiro de plantas”, de *sêmen*, semente, pois se trata de uma atividade aonde são semeadas ideias.

Não se trata, portanto, de ministrar um seminário a partir de um lugar de mestria, mas de uma perspectiva que acolha as surpresas e descobertas de quem ensina e, simultaneamente, de quem é ensinado, pois, diferentemente de uma palestra, um seminário implica na interação com o público, ou seja, espera-se que o público aí intervenha, participando ativamente.

Para o psicanalista oferecer um seminário, é fundamental a redação de uma ementa em que se introduzam as questões norteadoras da proposta, com inclusão de uma bibliografia de textos que possibilitem um caminho a ser percorrido em torno de um conceito ou tema de interesse para a psicanálise.

Grupos de estudo

Um grupo de estudos é composto de um pequeno grupo de pessoas que se encontram regularmente para discutir e

¹ A partir da apresentação desse trabalho, o participante da FB poderá escrever uma carta dirigida à Coordenadora da Secretaria Clínica manifestando seu interesse de ingresso nas atividades da Secretaria. A Coordenadora indicará um (ou mais) analistas da

Escola para entrevistar o candidato. A seguir, o relatório de tal entrevista será encaminhado para o Colegiado para a decisão no que diz respeito à candidatura.

aprofundar algum tema específico da psicanálise, em torno do qual buscam um maior aprofundamento. Para tanto, é necessária a presença de um coordenador do grupo que se encarregue de propor uma ementa, com objetivos e bibliografia básica.

Laboratório do conceito

A palavra laboratório indica um lugar para a prática da observação, experimentação ou produção num campo de estudo, ou ainda a prática de determinada arte, habilidade ou estudo teórico. Pode ser também a oficina, lugar onde se experimentam grandes transformações e operações aí presentes que se constituem pelo *saber-fazer*.

Marco Antonio C. Jorge (2017) caracteriza como *laboratório* aquilo que, ao longo do tempo, vai se constituir como a experiência clínica de um psicanalista específico, e, nesse sentido, destaca a importância e a afirmação do exercício da improvisação, em contraposição a qualquer forma de rigidez, e da surpresa que acompanha toda descoberta.

O significante *laboratório* vem de *laborar*, trabalhar, sendo, portanto, um espaço frutífero para o trabalho com os conceitos em psicanálise.

Toda proposta de laboratório de conceitos que for lançada na Escola necessita de uma coordenação, uma ementa e uma bibliografia.

Cartel

O cartel é uma modalidade de trabalho em grupo, inventada por Lacan, e que se caracteriza pela estrutura borromeana, 3+1 ou 4+1. Lacan considera o cartel como o *elemento base da Escola*, fato que se ilumina

tendo-se em vista a estrutura da formação psicanalítica descrita anteriormente.

No intuito de caracterizar essa ideia de *elemento base*, Lacan nos alerta sobre a presença dos efeitos de grupo (FREUD, 1921) em todas as formações coletivas. Efeitos que têm como fundamento defensivo o recobrimento da angústia real. Visando insistir numa outra forma de funcionamento, lugar de passagem da psicanálise em intensão para a psicanálise em extensão, Lacan introduz nessa forma de funcionamento grupal as estratégias de descompletude necessárias à sustentação da lógica borromeana. São elas: o **mais um**; a **transferência de trabalho**, o **tempo predeterminado de conclusão do grupo**; o **produto individual e a apresentação de trabalhos individuais** (LEITE, S. 2016). Qualquer participante da Escola, associado, psicanalista em formação ou psicanalista da Escola pode propor um tema de estudo para um cartel e, junto ao grupo formado, definir o **mais um**, assim como a bibliografia de referência a ser estudada. Não existe coordenação nem ementa nessa modalidade de grupo.

Cursos

Os cursos se constituem em atividades cujo objetivo é o estudo de temas específicos da psicanálise e cuja duração total deve ser previamente delimitada. Para sua realização, é necessária a presença de um coordenador, de uma ementa com objetivos e de uma bibliografia.

Redes de pesquisa

As redes de pesquisa se constituem em grupos de trabalho voltados para a investigação de temas amplos relativos ao campo psicanalítico em articulação, ou não,

com outras áreas do conhecimento. Nesse último caso, a visada é a transmissão da psicanálise a partir do diálogo com diferentes disciplinas tais como as artes, as ciências sociais, a filosofia, a matemática, a medicina etc. Espera-se que uma rede possa incluir a presença de psicanalistas de diferentes seções do Corpo Freudiano.

Todas as atividades a serem propostas na Escola deverão ser encaminhadas para a Coordenação da Secretaria de Ensino, no período de tempo previamente determinado, com a finalidade de possibilitar a organização e a divulgação da agenda com a programação semestral do Corpo Freudiano.

Jornadas Internas e Roda de Cartéis

As Jornadas Internas serão anuais, sempre no primeiro sábado do mês de dezembro. Elas constituem um espaço privilegiado para a apresentação de trabalhos oriundos das mais diferentes atividades de estudo e produção na Escola, o que implica na possibilidade de participação de todos: associados, analistas em formação e analistas da Escola. Elas constituem, portanto, um espaço de interlocução entre todos os participantes do Corpo Freudiano.

Para aqueles que iniciam seu percurso na FB, as Jornadas se apresentam como um momento possível de elaboração do ensino e do recolhimento dos significantes que daí resultaram, viabilizando uma elaboração teórica e/ou teórico-clínica. Tendo-se em vista que a participação na FB se articula à possibilidade de participação simultânea nas atividades da Formação Permanente, as apresentações nas Jornadas se constituem como efeitos da transferência de trabalho que não se localiza, necessariamente, num

lugar específico da Escola sendo, portanto, oriunda das diferentes atividades realizadas ao longo de um percurso individual.

A Roda de Cartéis ocorrerá duas vezes ao ano na Escola, correspondendo a duas propostas principais.

No **primeiro semestre**, no primeiro sábado de julho, serão apresentados os produtos individuais dos cartelizantes. Como *produto* se designa, aqui, não só os temas individuais concluídos depois de finalizado o cartel, mas, também, as questões suscitadas pelas interrupções ou dificuldades inerentes à realização dessa modalidade de trabalho grupal. Consideramos, seguindo Lacan, que elaborar e tornar públicas as dificuldades constituem modos de avançarmos em torno dessa experiência no Corpo Freudiano.

No **segundo semestre**, na primeira terça-feira do mês de dezembro, a Roda se constitui num momento de lançamento de questões, dúvidas e trocas sobre as atividades dos cartéis em funcionamento na Escola. Além de ser, também, o momento propício para que sejam revistos os grupos em funcionamento e lançados outros temas de interesse dos participantes.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud, la philosophie et les philosophes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

COUTINHO JORGE, Marco Antonio. Lacan e a estrutura da formação psicanalítica. In: *Lacan e a formação do psicanalista*, Coutinho Jorge, M.A. (org.) RJ: Contra Capa, 2006.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.3: A prática analítica*. RJ: Zahar, 2017.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v.4: O laboratório do analista. RJ: Zahar, 2020.

FREUD, Sigmund. *História do movimento psicanalítico*. ESB, RJ: Imago, 1977.

LACAN, Jacques (1967). Lugar, origem e fim do meu ensino. In: *Meu ensino*, RJ: Jorge Zahar, 2006.

_____. *O saber do psicanalista*, (Lacan, 1971-1972), aula de 04/11/1971), inédito.

LEITE, Sonia. O cartel e o desejo de saber na Escola. In: *Lacan e a formação do psicanalista*, Coutinho Jorge, M.A. (org.) RJ: Contra Capa, 2006.

_____. A questão do laço social na escola: angústia e formação do psicanalista. In: *Cadernos de Psicanálise*, Círculo Psicanalítico do RJ, v.28, 2012, p.321-345.

_____. Para que serve o cartel? In: *Bloco Mágico*. Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. RJ, v.2, 2017, p.11-13.

SONIA LEITE é Psicanalista; Coordenadora da Secretaria de Ensino do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro e Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

O LUGAR DO DESEJO DO PSICANALISTA NA FORMAÇÃO

Por LAVÍNIA CARVALHO BRITO NEVES

Desde o início de meu percurso na psicanálise, a formação do psicanalista se constituiu uma questão para mim. O tripé da formação do psicanalista – análise pessoal, estudo teórico e supervisão – resposta mais corrente no que diz respeito à estrutura da formação do psicanalista, não respondia à pergunta principal de como alguém se torna psicanalista. Será que qualquer pessoa que frequentasse um consultório de psicanálise, uma Escola ou Instituição psicanalítica e fizesse supervisão poderia ser considerado psicanalista? E quem diria isto?

O aforisma lacaniano segundo o qual “o analista só se autoriza por si mesmo”¹ está intimamente ligado à questão da formação e, mais precisamente, à autorização do psicanalista. Tal aforisma poderia trazer grande conforto àqueles que pretendem “ser psicanalistas”, desejo articulado ao fantasma que marca, talvez, o primeiro momento da busca pela formação. No entanto, trilhar o caminho de Freud e seguir o ensino de Lacan, ou seja, comprometer-se com a psicanálise, impõe uma árdua tarefa que exclui garantias *a priori*. Neste sentido, a formação do psicanalista suscita interrogações, na medida em que se

dissocia do ensino universitário, de “cursos” de formação, nos quais cumprir requisitos, créditos é igual a sair formado. Há um real em jogo na formação.

De acordo com Lacan, na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, é somente no decurso da própria análise que o psicanalisante se torna psicanalista². E ele vai ainda mais longe ao afirmar que qualquer um que tenha levado sua análise até o final se torna psicanalista, quer venha a praticar a psicanálise ou não³. Estas colocações indicam claramente que o ponto nodal em torno do qual se organiza a formação do psicanalista é a análise pessoal.

Em relação a este aspecto, recorro a Freud em *A questão da análise leiga*⁴, quando ele conta sobre uma pessoa que ao candidatar-se a uma vaga de ama de crianças foi perguntada se sabia cuidar de bebês, ao que ela prontamente respondeu: “Naturalmente, afinal de contas, eu própria já fui um bebê”. Tal história poderia ser vista com graça por quaisquer pessoas, mas assume uma conotação extremamente séria ao considerarmos a passagem de analisante a analista.

¹ LACAN, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (1967), In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

² *Ibidem*.

³ *Ibidem*.

⁴ FREUD, S. *A questão da análise leiga* (1926), in: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XX, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

É justamente por ter ocupado este lugar de analisante que alguém pode vir a tornar-se analista. O próprio Freud é claro ao dizer que “a experiência da análise imprime ao analista uma agudeza em ouvir o que está inconsciente e recalcado e proporciona a ele receber o material analítico sem preconceitos”⁵. Diz ainda que é somente por meio da experiência que a pessoa é afetada pelos processos afirmados pela análise, quando se adquire as convicções pelas quais são orientados como analistas⁶. Em um de seus escritos derradeiros, o *Esboço de Psicanálise*, Freud volta a insistir que “o que se aprende na transferência não se esquece”⁷, deixando claro, mais uma vez, que o verdadeiro aprendizado se dá no âmbito da análise.

A possibilidade de ocupar o lugar de analista se estrutura em torno da questão do que se passa na experiência da análise pessoal que leva à passagem de analisante a analista. Ao analisar as contribuições de Lacan ao tripé da formação do psicanalista, MAC Jorge isola dois elementos fundamentais que estão na base das inovações trazidas por ele no que diz respeito à análise pessoal⁸. Assim, ele afirma que a passagem de analisante a analista inclui o nascimento de um desejo, o desejo do analista. Trata-se do desejo de repetir a experiência da análise com outrem, ou de retomar a tradução do inconsciente ao nível do inconsciente de outros sujeitos. Em outros termos, o desejo do analista é o que, em última instância, opera na análise e por esta razão ocupa um lugar fundamental na formação do psicanalista.

Falar do desejo do analista implica considerar os dois momentos cruciais da análise – ou como Lacan se refere, aos dois pontos de junção entre psicanálise em intensão e psicanálise em extensão – o início e o fim da análise.

Lacan indica que no início da análise está o *sujeito suposto saber* como pivô em torno do qual se articula tudo que se relaciona com a transferência. O que ao sujeito é suposto saber é a significação, o sentido do sintoma, do sofrimento que faz com que alguém busque a análise. É esta significação que falta ao sujeito que implica o analista na transferência, na medida em que ele pode dá-la ou recusá-la, colocando em cena a onipotência do Outro.

A crítica de Lacan sobre a contratransferência levou-o a formular uma operação que visa manter distância entre o ideal e o objeto causa de desejo, ou seja, entre *I* e *a*. É dessa posição de ideal que o analisante atribui ao analista num primeiro momento que este deve se esquivar. Segundo Lacan, é por meio do desejo do psicanalista que se coloca a maior distância possível entre *I* e *a*. Tão somente fazendo cair este ideal que o analista poderá ser suporte do *a* separador. Assim, “é na medida em que o desejo do analista resta um *x*, tende para um sentido oposto à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência”⁹.

No desejo do analista, trata-se de uma função essencial para a confissão do desejo

⁵ Ibidem, p.212.

⁶ Ibidem

⁷ FREUD, S. *Esboço de Psicanálise* (1939), in: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, 1996, p.191.

⁸ JORGE, MAC. Lacan e a estrutura da formação psicanalítica, in: *Lacan e a formação do psicanalista*, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2006.

⁹ LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.240.

como exigente de reconhecimento, e neste ponto apreende-se a razão para a suposta ataraxia do psicanalista. Mas é importante ressaltar que não se trata de serenidade ou indiferença. De fato, o desejo do analista impõe um alto tributo a ser pago: o analista deve colocar entre parênteses seu próprio desejo pessoal para que esta função do desejo como proveniente do lugar do Outro possa se manifestar. Tal posição implica não uma neutralidade, mas sim, abstinência, como se refere Freud à transferência.

Lacan, por sua vez, é bem claro ao exortar o princípio segundo o qual qualquer identificação com o eu do analista é prejudicial à análise. Em um primeiro momento, a própria estrutura da transferência favorece a tendência do sujeito, em sua relação com o analista, a colocá-lo no nível do ideal do eu, ou seja, em uma posição onde ele se sentirá tão satisfatório quanto amado¹⁰. O desejo do analista implica na recusa deste poder imaginário que lhe é imputado por seu analisante, ou seja, ele deve rejeitar o gozo que pode obter a partir deste lugar. Quanto mais o desejo pessoal do analista estiver ausente, mais a função do desejo do analista vai operar, abrindo espaço para a “confissão” do desejo do analisante. Isto só é possível porque houve uma mutação na economia de seu desejo e ele foi possuído por este desejo inédito.

De acordo com Lacan, o que o analista deve saber é justamente ignorar o que ele sabe, não no sentido da ignorância enquanto paixão do ser, mas em seu estatuto de *douta*

ignorância. Situa-se aí o outro elemento inovador de Lacan apontado por MAC Jorge: o analista opera a partir do não-saber¹¹. Ele deve “fingir esquecer” o que foi sua própria análise para poder aceitar o engano do saber suposto¹². Suportar este lugar, com toda a amputação que ele implica, só é comparável, nas palavras de Lacan, “àquilo que no passado se chamou: ser um santo”¹³.

O outro ponto de junção, o fim da análise, supõe a queda do sujeito suposto saber, onde o que resta é um buraco, resultante da dissolução da transferência. E justamente por dizer que a transferência se resolve exclusivamente, Lacan deixa claro que não se trata de liquidação da mesma. Se a transferência é a atualização da realidade do inconsciente, supor uma liquidação da transferência seria supor também uma liquidação do próprio inconsciente. Trata-se, então, de uma outra coisa que acontece ao termo da relação transferencial: “havendo-se resolvido o desejo que sustentara em sua operação o analisante, ele não mais tem vontade, no fim, de levantar sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito”¹⁴. A isso se chama destituição subjetiva.

Alain Didier-Weill reitera que o desejo do analista se refere a uma posição ética. Trata-se de um desejo que conjuga a especificidade de ser sempre o mesmo com o poder de ser, ao mesmo tempo, inédito¹⁵. A passagem de analisante a analista abre uma possibilidade, mas é o desejo do psicanalista que vai sustentar sua prática a cada vez, a

¹⁰ Ibidem.

¹¹ JORGE, MAC, op. cit.

¹² RABINOVICH, D. *O desejo do psicanalista*.

¹³ LACAN, J. *Televisão*, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

¹⁴ LACAN, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, p.257.

¹⁵ DIDIER-WEILL, A. *Terceira passagem de Freud?* (1982) in: *Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

partir da recomendação máxima de Freud de abordar cada caso como se fosse o primeiro, o que se articula com a própria estrutura do desejo do psicanalista proposta por Didier-Weill, que é de ser sempre novo, ainda que seja o mesmo. A importância desta característica – de “ser inédito e sempre o mesmo” – reside no paradoxo mesmo que ela comporta. Tal característica implica que este desejo seja sempre o mesmo de quando era novo, tão inédito quanto o foi da primeira vez. O desejo do psicanalista é um desejo de exceção, uma vez que não é desejo do Outro. Trata-se de um desejo vazio de conteúdo em termos de objeto da fantasia, mas desejo que liga um desejo (do sujeito) ao desejo do Outro. No entanto, não é um desejo puro, mas um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele¹⁶.

É o desejo do analista que opera na clínica, diferente do mero ensino de técnicas e manejos e permite que cada analista sustente com seu desejo aquilo que lhe é transmitido, imprimindo sua marca e

fazendo do legado de Freud uma eterna descoberta.

REFERÊNCIAS

DIDIER-WEILL, A. Terceira passagem de Freud? (1982) In: *Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

FREUD, S. A questão da análise leiga (1926), In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XX, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, S. Esboço de Psicanálise (1939), In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

JORGE, M.A.C. Lacan e a estrutura da formação psicanalítica, In: *Lacan e a formação do psicanalista*, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2006.

LACAN, J. *O Seminário, livro 8 A transferência* (1960-1961), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, J. *Televisão*, In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola (1967), In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

RABINOVICH, D. *O desejo do psicanalista*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2000.

LAVÍNIA CARVALHO BRITO NEVES é Psicanalista; Diretora do Corpo Freudiano – Núcleo Barra Mansa; Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁶ LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p. 260.

PRIMEIRA RODA DE CARTÉIS

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

SEÇÃO RIO DE JANEIRO

03 de julho de 2018, às 19h30

Sonia Leite: O objetivo desse encontro é iniciarmos uma troca de ideias sobre uma prática bastante importante para a formação do psicanalista e que já vem acontecendo, de forma não sistemática, no Corpo Freudiano. Com esse intuito, gostaríamos de saber, para quem já participou do cartel, como foi essa experiência; e, para quem está no momento realizando algum cartel, como está sendo essa vivência. Para quem ainda não participou e deseja participar, estamos aqui também para esclarecer dúvidas que existam.

Temos, ainda, uma listagem para a gente conferir, e verificar quais grupos estão funcionando, quais grupos já concluíram seu trabalho, porque ao final de cada semestre precisamos atualizar as inscrições dos cartéis.

Renata sugeriu que eu trouxesse, inicialmente, alguns pontos teóricos para esclarecer algumas coisas sobre o que é o cartel, retomando as referências básicas e, a partir daí, vocês poderiam levantar questões tendo em vista o que já viveram. A ideia é de não ficar algo muito extenso, pois a proposta principal é a gente conversar mesmo.

Lembrei, então, do que eu já havia escrito sobre o tema e, então, trago os pontos que definem o que é um cartel. A partir daí, a

gente poderia pensar: *por que e para que fazer um cartel?*

Essa é uma questão importante, que a gente precisa estudar na Escola. O cartel é, antes de tudo, uma experiência que convoca ao trabalho. Algumas pessoas o chamam de *dispositivo* de cartel. Na realidade, *dispositivo* é um termo de Foucault. Dispositivo é um instrumento que põe em funcionamento alguma coisa; então, antes de mais nada, o cartel tem a função de colocar a Escola em movimento.

Quando Lacan introduziu o cartel na Escola Freudiana de Paris, no momento em que funda a Escola, a ideia era inclusive que a entrada nessa Escola se desse pela experiência do cartel, porque já convocaria as pessoas a um modo de trabalho que tem relação com a estrutura da psicanálise. No Corpo Freudiano, a entrada na Escola se dá, na maioria das vezes, pelo curso de Formação Básica, mas também pode e deve incluir a experiência de cartel que é uma modalidade bem específica de trabalho em grupo.

Lacan inventa essa forma de trabalho com o intuito de preservar e cultivar o estilo de cada um. Ele vinha de uma experiência institucional desastrosa da qual havia sido *excomungado*, como ele indica. A liberdade de ter seu próprio estilo de trabalho havia

sido censurada. Ao fundar sua Escola, em 1964, ele pensa em construir um espaço que permitisse que cada qual pudesse descobrir seu próprio estilo de trabalho. Para isso, vai partir da ideia de que o estudo da psicanálise se desse num lugar bem delimitado, para se experimentar no nível extensivo – no coletivo, na Escola –, aquilo que se apreende na psicanálise em *intensão*, ou seja, na experiência da análise de cada um.

Lacan cria esses pequenos grupos, de certa forma, numa outra lógica, diferente da lógica de grupo que está especificada e discutida no texto freudiano sobre a psicologia das massas. Mas, de qualquer forma, parte da proposta freudiana, inventando uma outra modalidade de laço social. Pode-se considerar que Freud pensa o grupo a partir da vertente imaginária e simbólica, considerando que aquilo que associa as pessoas é a questão do ideal do eu. Pode-se dizer: permitindo que a fantasia de cada um encontre um lugar junto a alguns outros. Cada um encontra, nos pequenos grupos, um lugar para sua própria fantasia. Talvez seja esse um dos pontos que faz a gente não ficar em qualquer Escola, trata-se de uma escolha, que responde à fantasia de cada um. Existe alguma coisa que corresponde, no coletivo, àquilo que é da realidade psíquica de cada um. Freud diz isso: para que os grupos se estabeleçam, precisam corresponder a uma certa estrutura psíquica do sujeito tomado em sua individualidade. As escolhas passam por aí, é algo inconsciente.

Lacan, ao criar a lógica do cartel, inclui, para além do que Freud introduziu, a questão do Real. Se o grupo em Freud nos reporta ao imaginário e ao simbólico, em Lacan temos o nodulamento do Real, Simbólico e

Imaginário, e por isso é que a estrutura que se instaura é borromeana: 3+1 ou 4+1.

Pensar os grupos em Lacan nos leva ao estudo dos nós. São os três registros nodulados que nos dão a estrutura mínima de um cartel. No final de sua obra, a partir da década de 1970, ele vai destacar a necessidade de um quarto elemento para articular esses três registros, para estabilizá-los. São desses estudos que se originam a perspectiva de que os cartéis devem ter essa estrutura do 3+1 ou 4+1. Estou falando isso porque, às vezes, as pessoas me perguntam sobre o número de pessoas no cartel: “Ah, mas pode ser um pouco mais de pessoas?” Claro que é possível um grupo funcionar numa lógica analítica, não se limitando a esse número estabelecido nas origens da criação do cartel. Mas me parece importante a gente passar por essa experiência seguindo, com certo rigor, aquilo que Lacan estabeleceu inicialmente.

Eu acho que o que acontece, à medida que a Escola avança, ou seja, que, de uma maneira geral, a gente tem uma troca enriquecida pelas experiências, mesmo os grupos de estudo assumem uma certa feição da Escola, as características daquela Escola em particular. De qualquer forma, Lacan tem seus pontos de definição sobre o que é o cartel que eu vou tentar resumir aqui.

O *mais-Um*, por exemplo, é uma função que dentre outras coisas deverá proporcionar a circulação dos discursos para o cartel não se fixar num único tipo de discurso.

Heloneida Neri: Esse lugar de *mais Um* não é um lugar de mestria, não se deve confundir isso. Não é de mestria, não é de

sujeito suposto saber, então que lugar é esse?

Sonia Leite: Aquele que é convidado, nomeado para essa função, deve saber disso, que não deve se cristalizar numa certa posição, precisa fazer circular alguma coisa, seja o discurso, sejam os lugares, inclusive existem algumas experiências que falam disso. Mas o importante – e é o próprio Lacan que vai dizer isso –, é importante o *mais-Um* se encarnar em alguém. Mas há, também, a ideia de que na experiência do cartel todos possam, de uma certa maneira, ocupar esse lugar, essa função de estar fomentando o trabalho. Nesse sentido, deve ser uma função que circule e que cada um possa se apropriar de alguma maneira.

Heloneida Neri: Interessante essa ideia da *experiência* porque você só aprende sobre o dispositivo na vivência mesmo, pois teoricamente é muito difícil. Depois de algum tempo, no próprio funcionamento, você vai percebendo quando funciona e quando não funciona, pois tem uma tendência ao *colamento* entre as pessoas, que é natural.

(Participantes levantaram algumas dificuldades como a leitura dos textos de Lacan e o amor entre os pares que pode dificultar a transferência de trabalho.)

Sonia Leite: A tendência é essa unificação pela via do amor, porque, voltando às questões das pulsões, trata-se da tendência oriunda da pulsão de vida, ela unifica. Já a pulsão de morte, que tem na angústia uma das suas facetas, é algo que descompleta, mas que é também aquilo que possibilita a criação, a emergência de algo que surpreende e que é novo. O que Freud vai dizer na psicologia das massas é que existe

aí uma tendência de unir, pois o que sustenta são vínculos puramente libidinais. Mas, por outro lado, tal tendência pode dificultar o livre pensamento, certas vivências de produção intelectual, porque para você produzir intelectualmente, você precisa esbarrar num certo vazio. Então, a questão é que o cartel vai ser criado para provocar a experiência de um livre pensar, e tentar fazer disso um laboratório.

A palavra cartel vincula uma ideia de *dobradiça*, que faz uma passagem, que promove uma outra experiência no sentido, quando você passa de um lugar para o outro, de uma posição para outra. É também um *círculo* que na escrita egípcia circundava o nome próprio.

É um lugar que permite uma certa experiência de apropriação dos significantes de cada um, a partir do que cada pessoa poderá realizar uma produção, um trabalho singular.

O que eu acho interessante na experiência do cartel é o fato de ser uma experiência individual que é realizada junto com alguns outros. Gosto muito da definição winnicottinana da análise: "Fazer análise é estar só na presença do outro", e acho que podemos transpor isso para a experiência de estudo no cartel, que é também *você estar só junto com alguns outros*.

Dessa forma, temos as *estratégias de descompletude* do cartel: a transferência de trabalho, o desejo de saber, tempo determinado de conclusão, o produto final e a apresentação pública. São estratégias para manter o furo, o vazio na composição desse grupo.

Uma das questões fundamentais que Lacan coloca a respeito do cartel é, exatamente, a

vivência de incompletude do saber. Tal experiência se dá na medida em que existe um término da experiência, ou seja, começo, meio e fim. E produzir um trabalho é, também, provocar esse corte. A grande dificuldade é a escrita, a hora em que você escreve é um momento em que emerge a castração, pois, evidentemente, não dá para escrever tudo que se gostaria...

Retomando a função do *mais-Um*, é possível pensar aqui num tipo de presença que abre as interrogações sobre o tema estudado. Abrir para um não-pensado e essa entrada possibilita que alguma coisa possa ali se produzir. Isso tem a mesma estrutura da psicanálise em intensão.

A estrutura do Cartel é essa, uma estrutura que permite que cada um tome a palavra e produza; é esse o trabalho, que se assemelha, em certa medida, com a análise. A gente tem que trabalhar para que haja análise, é o analisante que faz a análise; da mesma forma, os cartelizantes são aqueles fazem o cartel funcionar.

A *transferência de trabalho* é o que vai aproximar as pessoas. Naturalmente, isso tem relação com as questões que estão surgindo na Escola, nos diferentes espaços. Esses pontos são aqueles que vão criar laços, os temas dos cartéis. Para enlaçar todos na transferência de trabalho, o que vai unir de certa maneira, esse grupo é o texto de referência escolhido, o seminário escolhido. A transferência, nesse sentido, é dirigida ao texto.

O *mais-Um*, retomando esse ponto, no nó borromeano é o *menos-um*, é exatamente um lugar de descompletude, o *mais-Um* não tem a função de coordenação ou de liderança, de quem sabe mais, não serve

para unificar o discurso, ele não tem um saber já pronto, ele não está ali para oferecer isso. Lacan vai dizer que ele pode ser presentificado por uma pessoa, mas não necessariamente. O que é importante destacar é que a função desse *mais-Um* é convocar as pessoas ao trabalho. É presentificar que não há uma completude de saber.

(O grupo debateu sobre suas experiências, introduzindo dúvidas se tinham ou não feito cartel, falando da tendência a se dispersar falando de coisas pessoais em detrimento do estudo, mais-Um não nomeado etc.)

Renata Vasconcelos: Eu quero sugerir a leitura desse livro, *Lacan e a formação do psicanalista*, que é precioso, e tem um texto lindo da Sonia, sobre o Cartel. Vale muito a leitura para todos da Escola, independentemente de se alguém deseja fazer um cartel.

Heloneida Neri: O lugar do cartel na formação é interessante e fundamental.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Tem uma coisa importante, que é a maneira pela qual uma Escola adota essa experiência. O Corpo tem um estilo próprio, e a maneira pela qual o cartel vem sendo implantado aqui vem sendo de acordo com esse estilo. É um estilo que não segue uma forma lacaniana dita ortodoxa, como em várias Escolas, que fazem, inclusive, às vezes, a inscrição na Escola através do cartel. Há Escolas em que, para você entrar nelas, tem que se inscrever em um cartel, ou seja, é um ato obrigatório; a inscrição implica em você participar de um cartel. Eu acho que o cartel está, como tudo na psicanálise, submetido à experiência do laboratório.

O cartel tem uma estrutura que Lacan sugere baseado numa certa tradição da psicanálise, pois havia uma tradição de grupos de estudos famosos, como o Kris Study Group do Instituto Psicanalítico de Nova Iorque, em que analistas se reuniam para trabalhar um assunto, grupos que estão inseridos dentro de uma tradição. Esse livro que Renata mencionou é um livro que tem o mérito de mostrar como Lacan se alia à tradição e acrescenta a ela; ele não rompe com a tradição da psicanálise, construída a partir da experiência.

Tanto o dispositivo analítico quanto a supervisão e os seminários, tudo tem uma história, tudo vai se implantando a partir da experiência; Lacan não rompe com a tradição, ao contrário, ele vai acrescentando elementos, ele introduz uma reflexão sobre o que é o grupo de estudos, e ele quer introduzir um pouco mais. Lacan é muito exigente, ele não quer apenas que as pessoas se reúnam sem que a psicanálise esteja convocada no centro do grupo. Colocar a psicanálise no centro do grupo é, como a Sonia lembrou agora, falar de uma abertura para a incompletude, a castração, e é falar da finitude, pois o cartel tem um tempo de vida, de existência. Então, o cartel é uma proposição atravessada pela experiência, pelo estudo da psicanálise e atravessada pela própria psicanálise. Lacan sempre quis isso, inserir o mais de psicanálise possível dentro da psicanálise na formação proporcionada na Escola, no estudo, no seminário, na supervisão etc.

Agora, considerar a fórmula lacaniana do cartel, isso não impede que na prática – como na análise, na supervisão e em tudo dentro da psicanálise – se revelem flexibilidades, às vezes muito grandes, o que não necessariamente impede o

funcionamento. As coisas se adaptam de uma maneira totalmente nova, e a gente vê que funcionou, apesar de não estar ligada àquele padrão de funcionamento que a gente esperaria.

Eu ouvi o que vocês falaram sobre os grupos e a dúvida começou já com a queixa em relação a alguém que nunca participou; um grupo em que o *mais-Um* não foi nomeado; outro grupo que esperou para nomear e não nomeou; um grupo do qual três pessoas foram embora e entrou mais uma – ou seja, aparentemente, uma bagunça com o cartel do Lacan, que deve estar se remexendo na tumba. Mas eu acho que se ele estivesse aqui, ele ficaria feliz, porque é a experiência que manda.

O cartel tem dois objetivos: um é o simbólico, é a simbolização, que tem a ver com falar muito para depois escrever; isso que é o cartel, você fala pelos cotovelos, fala e ouve, e depois você senta e escreve. A produção, para Lacan, é sempre individual. Você fala e depois escreve – isso é o método analítico, isso é colocar a psicanálise dentro do estudo. Era o método de Freud, ele dava conferências e depois escrevia. E na sociedade das quartas-feiras, ele falava, escutava, e só depois escrevia. E esse é o método de Lacan também que, depois de um ano de seminário, fazia um escrito de dez páginas em que condensava seus achados.

A função do *mais-Um* é chamar para o trabalho de simbolização, apenas isso. Eu já ouvi inúmeras considerações sobre o *mais-Um*. Participei de cartéis no começo do movimento lacaniano aqui no Brasil, a partir da fundação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Tivemos até uma jornada de cartéis para estudar o que é o cartel, cartéis sobre o cartel! Na Escola Freudiana de Paris, os

analistas se empenhavam em falar sobre o que é o *mais-Um* e cada um falava uma coisa diferente. O *mais-Um*, se a gente quiser ser mais objetivo, ele tem uma função muito precisa, que é fazer as pessoas se voltarem para o trabalho, ou seja, para o simbólico.

No grupo, a tendência humana geral é falar de tudo o que é regido pelo princípio de prazer – da sorveteria que abriu ali na esquina, do filme que está passando, do namoro novo... O *mais-Um* convoca para o trabalho: “agora vamos estudar”; “vamos falar dessas coisas depois”, “vamos continuar estudando”, “o texto está aqui”. Essa chamada, esse apontamento o para o texto, tem a ver com essa seriedade de que fala Lacan – o fazer série, a sustentação do desejo que te encaminha para uma direção. Quando você está estudando, você está estudando; quando você está namorando, você está namorando – como dizia Van Gogh, em suas cartas, “amar o que se ama”, se você está estudando, então estude.

Macla falou há pouco do desejo de saber. O desejo de saber, eu fiz um textinho nesse livro aí, chamado *O desejo de saber como laço entre analistas*. É uma leitura da chamada “Nota Italiana”. É muito satisfatória essa ideia de que a gente se junta; o que nos une como analistas, se há alguma união que nos convoca – de estarmos, aqui, por exemplo, nesse momento –, é o desejo de saber, que é movido pela experiência analítica e que se revela em diferentes dimensões. O desejo de saber é, segundo Lacan, uma conquista da análise em relação à paixão da ignorância. Uma das boas dimensões para ele aparecer é num grupo de estudos, num cartel, no seminário etc, numa atividade de estudo e de ensino.

O tema do cartel também é algo bastante importante, a gente não estuda qualquer coisa. A estrutura do cartel é você colocar o seu nome e o que você quer estudar, por exemplo, estudar o conceito de *Outro* como alguém falou aqui; o *Outro*, esse é um tema, “quero estudar o Outro”, então, faz o cartel. Há um desejo que se convoca, que se articula em torno do tema, isso já muda muito o dispositivo do ensino. Em geral, o ensino é muito variado e estudamos, na verdade, de tudo um pouco. Nós temos a formação básica, na qual falamos de vários temas; agora o cartel não, ele pede uma coisa a mais, um foco e um interesse, um desejo subjetivo, que realmente faça com que você mereça ficar um tempo do ano, uns seis meses ou mesmo um ano estudando com outras pessoas. E a dissolução, eu acho que a dissolução do cartel implica nessa presença do limite, da finitude, como uma espécie de símbolo da castração e da morte.

Sonia Leite: Uma coisa que eu fiquei pensando, nessa questão do grupo segundo Freud, e no cartel, me parece que é isso, quando ele estuda o grupo, ele fala de Imaginário e de Simbólico, e o cartel fala fundamentalmente do RSI, por isso o nó. Cada coisa que você foi falando, inclusive o amor também, é o que começa a fazer as pessoas se juntarem e tal, está presente nessa questão, de um ideal do que vai se produzir. “Eu quero produzir isso”, aí a experiência vai mostrando que tem uma hora que você tem que concluir aquilo ali, e isso eu acho que é uma experiência importante, você ser confrontado com isso, com essa finitude, como você estava falando.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Então, esse tipo de explosão da estrutura, alguém perguntou: “será que eu fiz um cartel ou

não?”, uma pergunta engraçada, estudei à beça com as pessoas, aprendi, foi tudo legal, mas será que eu fiz? É uma interrogação completamente técnica, exterior, e eu já fiz cartéis, a Sonia também, com grupos assim enormes, sete pessoas.

Sonia Leite: Eu não cheguei a fazer não, mas o Lacan fala nas Jornadas de algumas experiências assim, nas jornadas de 1975. Alguns analistas estavam apresentando cartéis com dez pessoas e mostrando que houve cartel apesar de ser um número grande de pessoas.

Eu acho que se a gente for pensar a questão dos nós, Lacan vai mostrar exatamente, no final de sua obra, que os nós podem se fazer com várias argolinhas, a questão é o que sustenta esse grupo e o que se produziu. Mas eu fico achando que a pergunta: *houve análise?* Houve uma intervenção, um efeito analítico? Enfim, é só no *a posteriori*, que é possível responder. Será que essa pergunta não é necessária à experiência do cartel? É no *a posteriori* dessa experiência, como você chama a atenção, que se pode dizer se houve essa estrutura, essa estrutura sobre a qual Lacan fala que é fundamental para a transmissão de algo. Isso talvez seja um ponto interessante para nos guiar, talvez para pensar, se essa forma de trabalho com essa especificidade ocorreu em cada experiência de cartel.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Minha conclusão, em termos da estrutura, é a seguinte: assim como na própria experiência analítica, e é isso que eu chamo de *laboratório de psicanálise*, eu acho que no início não faz mal nenhum a gente ser bem irreverente à essa estrutura decidida pelo Lacan, só faz bem. Veja bem, o Magno sempre repetia a frase do Guimarães Rosa

que merece ser repetida: “Tudo se finge, primeiro; germina autêntico é depois”. Então, isso tudo é fingimento, tudo imitação. “Sou lacaniano”, então meu cartel tem que ser 3+1, porque 10+1 é impossível, mas a autenticidade vai extravasar e vai aparecer em alguma coisa. Não faz mal nenhum a gente ser bem rigoroso no que é proposto pela experiência analítica, depois, com a experiência, a gente vai se soltando, e começa a reinventar a psicanálise. Se a gente reinventa até a psicanálise, segundo Lacan, vamos reinventar tudo, inclusive cartel, seminários, supervisão etc. Mas no início, eu acho que é bom a gente seguir um modelo clássico, aceito, e depois ir reinventando, digo assim para quem está começando.

Sonia Leite: É exatamente isso Marco. É o caso a caso da experiência, daquele grupo que é chamado cartel.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Isso, Sonia, é o que eu acho salutar no Corpo Freudiano, essa liberdade que a gente tem para poder pensar a partir do caso a caso. Tudo tem limite, tudo tem barreira, tudo tem castração. E a gente pode expandir nossos limites do Simbólico, foi o que eu ouvi do depoimento de vocês. Mas se nós tivéssemos uma experiência rígida como muitas que existem por aí, nós diríamos: “Não, isso não foi cartel, o cartel é outra coisa. Não, isso não foi cartel, vocês não têm experiência de cartel ainda, vocês ainda vão ter um dia...”.

André falou uma coisa ótima, a gente se aliena para depois se separar; pois bem, primeiro você entra no modelo; para você apostar no modelo, você tem que entrar nele. Não entro no modelo em que eu não aposto. Eu aposto naquela forma que me

apresentaram; se eu estou no Imaginário com ela, eu entro nela; depois a forma vai virar minha, eu ganho espaço melhor dentro daquela forma.

Heloneida Neri: Uma coisa importante é essa questão do virtual, não prescindir desse recurso; a gente, atualmente, faz uma experiência de cartel por internet. A gente faz com Recife e João Pessoa.

Sonia Leite: Sim, é uma outra coisa que a gente pode pensar e fazer. É de poder estimular os estudos entre as Seções, entre os Núcleos. A gente tem esse recurso da internet, e dá para fazer o cartel numa boa, é possível. Assim, esses laços da gente podem se expandir também, ter produções que são frutos dessas trocas.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Agora, Sonia, além dessas questões que eu estou observando a partir do que vocês falaram, cada vez mais, estou convencido de que o saber na psicanálise a gente não constrói sozinho, a gente constrói sempre com pares, isso é muito evidente para mim atualmente. Então, o cartel talvez seja também uma experiência de consciente transindividual, explodir muito a fala para que haja uma produção do saber. Ninguém faz produção de saber psicanalítico sozinho, nem Freud. Freud ouvia aquela turma toda, ele lia aquilo tudo, dialogava, isso é muito evidente; é evidente e é importante poder se dar conta disso para valorizar a experiência do cartel.

Sonia Leite: Porque a gente, também, vai resgatando em tempos diferentes essas coisas. Por exemplo, aquela coisa, Helô, que a gente tava falando nesse sábado, no final do seminário do Mario Eduardo e da Conferência os *Nomes do pai*. Eu não me lembrava que o Lacan tinha falado da

questão do nome próprio lá no Seminário nove, a gente estudou no cartel, e é interessante como aquilo voltou na hora, na hora em que você estava lendo o trecho da conferência. A importância que ele dá exatamente para a questão do Nome-do-Pai, como uma variação do nome próprio, sendo uma forma de você se servir disso (do Nome-do-Pai). E aí, a história do cartel, de ter essa ideia de ser um círculo que circunda o nome próprio. É interessante a gente ver que o Lacan nos traz muitas coisas, são muitas contribuições, não é uma coisa individual a obra dele, de ninguém, você vê que tem todos esses outros aí, e eu acho que a Escola é bem isso, é essa possibilidade dessas trocas ali junto com esses outros.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Lacan disse em Caracas: “É a presença de vocês que faz com que meu ensino exista”. Linda essa frase, e aqui no Corpo eu tenho uma experiência muito boa, que eu valorizo muito, que é quando alguém, quando alguns de vocês, e são alguns que vêm me dizer alguma coisa, a partir do que eu disse um dia. Eu esqueço, a gente fala muito e depois escreve um pouquinho. Mas alguém recorda: “Você um dia falou isso assim, assim, e isso tem a ver com uma coisa assim, assim”. É uma produção de saber com o outro que vai produzir e pensar junto, eu acho isso uma coisa impressionante, surpreendente.

Sonia Leite: Interessante isso que você está falando. Eu estou lembrando que o Lacan vai dizer isso exatamente, essa ideia de surpreender-se porque a transmissão da psicanálise é também quando a gente se surpreende. Algo que aconteceu, algo que você escutou o outro falar, ou seja, tudo isso faz parte, tem algo de surpresa mesmo, que é a questão do desejo de saber que você

estava falando, e que a Macla falou, que precisa nos levar também à surpresa. Eu acho que o cartel é uma aposta, um laboratório para a gente exercitar isso.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Pode-se pensar que o cartel é também uma certa invasão da psicanálise para o campo da troca teórica. Então, o Patrick falou de se arriscar; falar é assumir um risco evidente, a gente pode ter dificuldade para falar em público, e dependendo do público então... Já se você tem um grupo pequeno, fechado, 4+1, o risco, você está compartilhando o risco, todos correndo riscos!

Sonia Leite: Na função do *mais-Um*, tem essa ideia de preservar o ato de tomar a palavra, de incentivar a se falar o que quiser, a respeito do que leu, sem um cerceamento, digamos assim, para que seja exercitada essa escuta de cada um, de suportar escutar o que o outro está querendo falar.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Agora, a visceralidade com que você empreende à sua experiência é fundamental; nada existe se você não se joga, Freud sempre falava isso. Eu acho que a experiência que o Lacan implantou na França, e que introduziu a gente na psicanálise, é uma experiência de investimento visceral. Tem a forma, essas estruturas todas, agora cada um tem que se empenhar naquilo, porque não existe nenhum *mais-Um* que vá fazer com que um cartel funcione, nem mesmo a estrutura inventada por Lacan para o cartel faz com que ele obrigatoriamente funcione.

Por isso que eu acho que o tema é muito importante. O cartel de que eu participei que mais funcionou pra mim foi sobre homossexualidade, e era um cartel interinstitucional; eu, do Corpo, um analista

da Letra Freudiana, um analista da Escola Lacaniana e outro da Escola da Causa Analítica - eram quatro analistas, e nos reunimos em função de um tema, um cartel que funcionou muito bem, funcionou digamos assim "religiosamente". Sabe aquela coisa que ninguém falta, que você está esperando chegar o dia? "Ai, faltam dois dias para o cartel..." E isso há uns quinze anos. Essa visceralidade é tão importante, a gente trabalhar aquilo que, de fato, faz questão para a gente porque, a partir daí, a gente pensa a psicanálise inteira. É a partir do sintoma, da questão subjetiva, que se pensa a psicanálise, e a partir do quê? A partir de sua análise pessoal, você vai pensando o resto, então eu acho que esse engajamento temático é bastante significativo.

Sonia Leite: Para mim, fica bem clara essa questão que eu falava no início. O cartel fica sendo essa dobradiça que o Lacan fala entre a psicanálise em intensão e a psicanálise em extensão. Porque aquilo que é a questão de cada sujeito, aquilo que pode, através desse grupo específico, circular e fazer esse laço com os demais, a partir do que cada um aprendeu com a sua própria análise, a partir das suas próprias questões, então o cartel permite tornar isso público dessa forma, através dessa estrutura, e eu acho que é aí que está a questão da responsabilidade de cada um, que é você fazer a transição daquilo que é íntimo para aquilo que é compartilhável.

Marco Antonio Coutinho Jorge: Aí entra uma questão que o Lacan tanto questionou na IPA: a burocracia. Trata-se de você poder investir desejantemente, de forma que sua atividade não fique burocrática, do tipo "ah, vou fazer cartel porque no Corpo Freudiano tem que fazer cartel". Fica aquele estilo

burocrático de teor obsessivo, de cumprimento de tarefas, que o Lacan criticou na IPA - um protocolo burocrático que funciona como um tampão para o sujeito.

Sonia Leite: Agora eu também me lembrei, foi a Renata que trouxe essa questão, a ideia do cartel e da Formação Básica, lembra, que você trouxe uma questão que eu achei bem importante esclarecer? Você disse que tinha ouvido que muitas pessoas achavam que primeiro tem que terminar a Formação Básica para depois participar do cartel. Isso talvez seja uma coisa que se precise falar mais, não é uma prerrogativa, pode-se fazer o cartel desde o começo da entrada na Escola, não tem que esperar a formação básica acabar para depois fazer um cartel.

Na verdade, são formas de estudos diferentes. É preciso que fique mais claro que são duas formas de se apropriar da psicanálise. A experiência de cartel é uma experiência específica, que envolve certo modo de se apropriar da psicanálise, e a formação básica é uma outra forma. Elas convivem, e não são excludentes, assim como também frequentar os seminários mais avançados não implica em que você antes precise fazer a Formação Básica.

Então, penso que na segunda *Roda*, no semestre que vem, a gente vai poder falar mais ainda sobre os trabalhos realizados nos cartéis, trocar mais ideias sobre as práticas e o que efetivamente vem acontecendo.

Obrigada pela presença de todos.

Transcrição: *Renata Vasconcellos*

Revisão: *Sonia Leite e Marco Antonio Coutinho Jorge*

A POLICLÍNICA DE BERLIM: UTOPIA FREUDIANA?

Por MACLA NUNES

“A hora da batalha não é a da guerra, mas a de um momento privilegiado da guerra, onde a história de uma doutrina confunde-se com a de suas crises e onde as crises testemunham a implantação de uma doutrina, de suas derrotas ou de suas vitórias”

Elisabeth Roudinesco
1989

“O que sei é que o discurso analítico não pode ser sustentado por um só. Tenho a sorte de haver quem me siga. O discurso, portanto, tem aí sua chance”

Jacques Lacan
1973

A contundente crítica de Thomas Morus (2001) à corrupção do regime burguês e às injustiças da sociedade feudal da Inglaterra renascentista retrata a desordem, os males, as misérias, os crimes e as pestes públicas que assolam o povo inglês, então, sob o reinado de Henrique VIII. As magníficas e espaçosas cinquenta e quatro cidades da ilha da Utopia que Rafael Hitlodeu descreve em detalhes, no entanto, na obra de Morus, edificam uma sociedade que se organiza em torno de um generoso sonho de renovação social.

O povo utopiano compartilha o princípio da posse comum de bens e do solo, se constitui sem antagonismos entre a cidade e o campo, sem trabalho assalariado, sem gastos supérfluos e luxos excessivos, e tem o Estado como órgão administrador da produção. Utopos, conquistador que primeiro se apoderou da ilha e lhe deu seu nome, teve espírito e habilidade para humanizar a população grosseira e selvagem que ali habitava e transformá-la em um povo cujas leis, instituições, artes, ofícios e relações entre si ultrapassa os outros no que diz respeito à civilização. Utopia, por definição, é: “lugar que não existe”¹. Ilha maravilhosa, imaginária, quimérica, ideal.

Ainda que tenha sido surpreendido pela primeira guerra do século XX que, conforme Roudinesco (2016), “desenrolava-se nos ares e no fundo dos oceanos, no mar, na terra, nas trincheiras da lama, devastadas por gases tóxicos e juncadas de corpos mutilados” (2016, p. 203), e não tenha visto a chegada do furor nacionalista dos povos contra as últimas dinastias imperiais, nem crescido o ódio que, em sessenta anos, substituíra a primavera dos povos, Sigmund Freud percebe, desde os primeiros meses do

¹ Thomas Morus (1478-1535) criou, em 1516, a palavra *utopia* para dar título ao seu livro: do gr. ou (não) + tópos (lugar) e suf. ia = lugar que não existe.

conflito, que aquela seria uma longa e devastadora guerra e revelaria o que suas elaborações anunciavam sobre os aspectos mais sombrios da humanidade: um desejo de destruição próprio da espécie humana.

Atividades, projetos e conflitos vividos no interior do movimento psicanalítico – como as dissidências de Alfred Adler, em 1911, e Carl Jung, em 1913 – são transpostos para outro cenário. Membros do comitê de Freud também são sucessivamente recrutados. Em 1915, entre eles, Max Eitingon é o primeiro a servir, em Praga, como cirurgião. Karl Abraham vai para um grande hospital na Prússia oriental. Otto Rank é enviado a Cracóvia para a artilharia pesada e Sándor Ferenczi, incorporado como médico-major nos hussardos húngaros, e depois, em Budapeste, como psiquiatra num hospital militar.

O tratamento das neuroses traumáticas vai se tornar a questão maior para o movimento psicanalítico. E enquanto muitos soldados afetados são considerados covardes, simuladores, alvos de suspeitas e punidos com repetidas e dolorosas sessões de eletroterapia pela maioria dos neurologistas e psiquiatras, os companheiros de trabalho de Freud, alistados nas frentes de batalha, obtêm sucessos terapêuticos nada negligenciáveis nos tratamentos das neuroses chamadas, então, “neuroses de guerra”.

Ernest Simmel, por exemplo, num hospital psiquiátrico militar, combina hipnose catártica e interpretação dos sonhos em estado de vigília e sob hipnose, pretendendo o alívio dos sintomas em algumas sessões. Obviamente, ainda que se considerasse que métodos combinados e curtos como esses não visavam uma “cura psicanalítica”, no

sentido do “conjunto da personalidade” do sujeito, e que um exame clínico posterior fosse indispensável antes de qualquer pronunciamento sobre os efeitos do tratamento a longo prazo, é inegável que os tratamentos oferecidos por esses freudianos estavam em oposição e se apresentavam como alternativa à violência dos métodos cruéis e não eficazes que eram aplicados em grande escala.

Em 1918, enquanto as privações acarretadas pela guerra ainda aumentavam, significativas ajudas financeiras e a realização do V Congresso Psicanalítico Internacional, em Budapeste, reanimam o estado de espírito de Freud. Segundo E. Jones (1989), “o espírito propulsor da organização do congresso realizado em tempo de guerra era o operoso Abraham” (1989, p. 203), e foi o primeiro congresso, observa Jones, em que estiveram presentes representantes oficiais de algum governo – nesse caso, dos governos austríaco, alemão e húngaro. O papel que as “neuroses de guerra” passam a ocupar nos cálculos militares chama a atenção destas figuras oficiais. Representantes políticos de Budapeste, inclusive, não economizaram em demonstrações de apreço na recepção dos participantes do congresso.

Conforme E. Jones, ainda, Freud não pôde deixar de ficar comovido pelo entusiasmo reinante e pelas brilhantes perspectivas abertas. Um livro de Simmel e relatos de trabalhos práticos feitos por Abraham, Eitingon e Ferenczi impressionaram os oficiais médicos dos altos escalões do exército presentes, o que propiciava grandes possibilidades para a abertura de clínicas psicanalíticas para tratamento das neuroses de guerra em centros diversos. Poucos dias depois, Freud escreve a Ferenczi: “Estou me

regozijando de satisfação e o meu coração está leve, pois sei que meu *Sorgenkind*, a obra de minha vida, está protegido por sua cooperação e pela dos outros e seu futuro assegurado”.²

Algo importante a se destacar, observa Laura Sokolowsky (2013), em sua obra *Freud et les Berlinois. Du congrès de Budapest à l'Institut de Berlin 1918-1933*, é que Freud evoca a criação desses centros psicanalíticos nos exércitos diante de uma assembleia composta por psicanalistas e médicos militares, bem como representantes oficiais do governo. Esse duplo endereçamento, afirma Sokolowsky, deve ser lembrado por causa do risco de se cometer contrassensos, já que uma omissão como essa pode transformar o inventor da psicanálise em um terapeuta idealista ou em um benfeitor humanista. O que Freud não era.

Mas, na mesma medida em que está confrontado pela amplitude dos traumas da guerra e pela imensa desordem suscitada pela decadência das estruturas estatais das antigas potências da Europa Central, em suas *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*, Freud (1918) propõe uma revisão dos procedimentos terapêuticos adotados pelos psicanalistas até ali e aponta que, para além do foco na divulgação do saber psicanalítico, os psicanalistas deveriam se engajar na reconstrução de uma civilização devastada e marcada pela catástrofe.

A criação da Policlínica Psicanalítica de Berlim, inaugurada na primavera de 1920, se inscreve, assim, como uma resposta, na série de desenvolvimentos e na expansão do

campo psicanalítico. Como afirma Peter Gay (2012), Berlim se torna naquele momento o coração de todo o movimento psicanalítico internacional, inclusive, por causa do afluxo de psicanalistas emigrados que para lá se dirigiam:

Mas, nos primeiros anos da República de Weimar, Berlim tinha se constituído como o centro nervoso da psicanálise mundial, a despeito da precária condição política da jovem república, ameaçada pela inflação incontrolável, assassinatos políticos, esporádica ocupação estrangeira e, em alguns momentos, uma guerra civil em potencial. À luz dessa história tumultuada, é irônico que os analistas de Berlim tenham se beneficiado dos infortúnios e perseguições ocorridos em outros lugares (GAY, 2012, p. 464).

Na perspectiva do historiador sobre o espírito e a vitalidade que, ali, transbordavam, “a clínica berlinense para o tratamento psicanalítico de enfermidades nervosas e o Instituto a ela associado foram a primeira concretização do apelo utópico de Freud” (2012, p. 466).

O *Relatório original sobre os dez anos do IPB*, publicado por Max Eitingon (1930), é um documento importante e mostra um pouco da estrutura desse que se tornou um verdadeiro laboratório de formação de psicanalistas, desempenhando, durante dez anos, um papel considerável na elaboração dos princípios da análise didática e servindo de modelo para todos os outros institutos posteriormente criados no âmbito da International Psychoanalytical Association, a IPA.

Com Max Eitingon presidindo a comissão de ensino, foi em 1923 que, pela primeira vez no mundo, a formação analítica foi submetida às três prescrições: análise didática, ensino teórico e supervisão. Algumas palavras de Ernest Simmel sobre a história e a

² Citado por JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989 (p. 205).

significação social do Instituto Psicanalítico de Berlim, no relatório sobre os dez anos de funcionamento da clínica e do instituto, traduzem o espírito e o significado dessa experiência:

Era um empreendimento ousado, em tempos de colapso econômico, um instituto que devia tentar tornar o tratamento psicanalítico acessível àqueles mesmos que viam sua neurose ser reforçada por causa da miséria econômica ou que eram ainda mais expostos, suscetíveis ao empobrecimento material por causa de suas inibições neuróticas. Dada a extensão da catástrofe social do período pós-guerra, a capacidade do Instituto Psicanalítico de Berlim só poderia ser insignificante; no entanto, hoje, suas possibilidades de impacto, de incidência social, excedem amplamente o tratamento de um indivíduo. As 117 análises atualmente em curso são o centro, o eixo de uma penetração psicanalítica que se espalha de maneira contínua, precisamente na camada social desfavorecida. De fato, a psicanálise pode liberar o indivíduo de sua atitude irracional em relação à realidade, causada por seus complexos; ela o torna novamente capaz de atividades normais e tem, portanto, efeitos de saúde mental inclusive sobre aqueles que o rodeiam (SIMMEL, 1930, p. 46, tradução nossa).

No prefácio do documento, Freud toma a palavra:

As páginas que seguem descrevem a organização e as realizações do Instituto Psicanalítico de Berlim, ao qual cabem três funções importantes no interior do movimento psicanalítico: tornar acessível nossa terapia à massa de seres humanos que não sofrem menos de suas neuroses que os ricos, mas que não estão em condições de pagar pelo seu tratamento; criar um lugar onde a análise pode ser ensinada teoricamente e onde as experiências dos analistas mais antigos podem ser transmitidas aos jovens desejantes de aprender; enfim, aperfeiçoar nosso conhecimento a respeito das afecções neuróticas e nossa técnica terapêutica aplicando-a e colocando-a à prova em novas condições. Tal instituto era indispensável, mas, para sua fundação, nós poderíamos ter esperado em vão a ajuda do Estado e o interesse da Universidade. A energia e a abnegação de um dos analistas intervieram aqui. Dr. Max Eitingon, atualmente Presidente da 'Associação Psicanalítica Internacional', criou há dez anos, por seus próprios meios, o Instituto, o manteve e, desde então, o dirigiu com seus próprios esforços. O relatório dessa primeira década do Instituto de Berlim é uma homenagem ao seu criador e diretor, uma maneira de lhe agradecer publicamente. Qualquer um que, de uma maneira ou

de outra, toma parte na psicanálise, participará desde agradecimento (FREUD, 1930, p. 41, tradução nossa).

Projetos que permanecem como projetos são utopias. A situação que poderia, nas palavras e no olhar de Freud, em sua célebre comunicação no V Congresso Internacional, parecer fantástica e pertencer ao futuro, foi transformada em força material pela ação de alguns homens cuja inventividade e insistência marcam um pioneirismo que promoveu a psicanálise a um nível inédito. Outras sociedades psicanalíticas seguiram os planos de Berlim com essas clínicas de tratamento, entre elas: Moscou, Frankfurt, NY, Trieste, Paris.

Também é verdade que a rigidez e o regime – este considerado como autoritário, burocrático e prussiano – do funcionamento do grupo berlinense receberam muitas críticas. Jacques Lacan, em 1971, aponta o lugar do discurso universitário na estrutura de ensino do Instituto de Berlim, com seus cursos obrigatórios e protocolos. A partir de observações precisas de Siegfried Bernfeld (1892-1953) e Michael Balint (1896-1970) sobre os contornos institucionais que o movimento psicanalítico ganhou naquele momento histórico, Moustapha Safouan (1985) compara a ortodoxia do grupo de Berlim à heterodoxia do grupo que se formou em torno de Freud, em Viena.

Recentemente, foi publicada no Brasil a obra *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social, 1918-1938*, uma contribuição de valor inestimável. Neste trabalho, Elizabeth Danto (2019) descreve, em detalhes, alianças e controvérsias que compõem o desfecho da experiência berlinense em 1933. Além disso, como já ouvimos, nada está conquistado de uma vez para sempre. Sobre os caminhos da psicanálise e dos psicanalistas na Alemanha

nazista, eis uma outra parte da mesma história.

REFERÊNCIAS

DANTO, Elizabeth Ann. *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social, 1918-1938*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

FREUD, Sigmund. (1919[1918]) "Linhas de progresso na terapia psicanalítica". In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. (1930) Préface. In: *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin 1920-1930*. Paris: Éditions Denoël, 1985.

GAY, Peter. (1988) *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol.2. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

MORUS, Thomas. *Utopia*. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook. Fonte digital: www.jahr.org. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/utopia.pdf> (consulta realizada em 22 de setembro de 2019).

ROAZEN, Paul. *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1971.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

SAFOUAN, Moustapha. *Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

SIMMEL, Ernest. (1930) "Sur l'histoire et la signification sociale de l'Institut Psychanalytique de Berlin". In: *On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l'Institut Psychanalytique de Berlin 1920-1930*. Paris: Éditions Denoël, 1985.

SOKOLOWSKY, Laura. *Freud et les Berlinois. Du congrès de Budapest à l'Institut de Berlin. 1918-1933*. Presses Universitaires de Rennes, 2013.

MACLA NUNES é Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise (PGPSA-UERJ); Mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ); Graduada em Psicologia e Música Sacra; Analista do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro; Psicóloga/Psicanalista na Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

macla.nunes@unirio.br

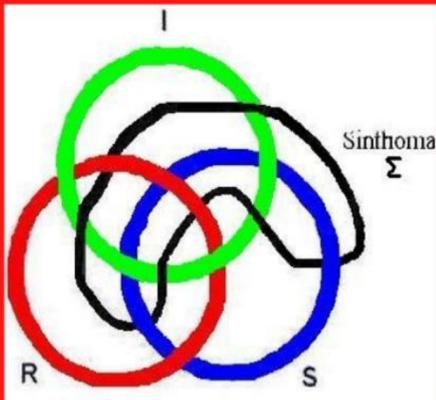
INFORMES

Seção Rio de Janeiro (RJ)

Caros associados,

no dia 4 de julho de 2020, sábado, às 9:30h teremos nossa 5ª RODA DE CARTÉISs, com a apresentação de trabalhos individuais dos cartelizantes, a ser realizada pelo Zoom. O trabalho a ser apresentado pode estar concluído ou em vias de conclusão. É possível, também, a apresentação de questões teóricas que tenham sido suscitadas durante a experiência do cartel ou mesmo o relato de impasses vividos nessa experiência singular de estudo.

Destaco que a importância fundamental da Roda é a possibilidade de trocas em torno dessa experiência e seus efeitos de produção e transmissão na Escola.



**5ª
RODA
DE
CARTÉIS**
apresentação de trabalhos individuais

**CORPO FREUDIANO
SEÇÃO RIO DE JANEIRO**

4 DE JULHO DE 2020, 9:30H.
ATIVIDADE ABERTA

COORDENAÇÃO: SONIA LEITE

ZOOM ID 974 0510 9512



Núcleo Dourados (MS)



Khaled Hosseini
autor de **O caçador de pipas**

A cidade do sol
A Thousand Splendid Suns

Psicanálise e Literatura
Ministrante: Janaina Bianchi de Matos
Data 28/07/20 as 18:30

ACONTECIDOS

Seção Rio de Janeiro (RJ)

SEMINÁRIO O PASSE LIVRE DE MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE
CONVIDA



16 DE JUNHO DE 2020
TERÇA-FEIRA
19.30 H

SEMINÁRIO ABERTO

ZOOM
ID DA REUNIÃO:
929 1221 8481

**A DEMOCRACIA E
SUAS
(IM)POSSIBILIDADES**

ROSANA COELHO
PSICANALISTA - PORTO ALEGRE
DOCTORA EM PSICANÁLISE (UERJ)



SEMINÁRIO O PASSE LIVRE, DE MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE
CONVIDA



**O PASSE NA
ESCOLA
FREUDIANA DE
PARIS**

**ELISABETH
ROUDINESCO**
PSICANALISTA E HISTORIADORA

23 DE JUNHO DE 2020
TERÇA-FEIRA, 18 HORAS

SEMINÁRIO ABERTO
TRADUÇÃO CONSECUTIVA
DE FELIPE CASTELO BRANCO

ZOOM ID DA REUNIÃO:
929 1221 8481



 **APRÈS-COUP**
Psychoanalytic Association



WORKSHOP

**On Transsexuality: The Body between Subject
and Science**

**Marco Antonio Coutinho Jorge
Natália Pereira Travassos**

Saturday, June 13, 2020
10:30 am – 1:30 pm

To register, [click here.](#)

How might psychoanalysis approach the increasing demands for transsexualization? Among crucial issues rarely discussed: the role of homophobia, and scientific belief in the sexual relation; the role of hysteria and its questioning of sexual difference; the nature of children's identification processes; the role of social networks in spreading modern hysterical epidemics.

Núcleo São Paulo (SP)



PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE

"Detecção Precoce de Risco Psíquico e Estrutura não Decidida na Infância"

LIVE NO **facebook**

COM JULIETA JERUSALINSKY

coordenação:
Daniel Hamer Roizman

para acompanhar acesse nossa página no facebook: @corpofreudianosaopaulo

Quinta 23/04



PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE

"THE CLOWN SPIRIT: O ANALISTA É UM HUMORISTA"

NO **facebook**

COM DANIEL HAMER ROIZMAN

coordenação: Amanda Rizzo

para acompanhar acesse nossa página no facebook: @corpofreudianosaopaulo

Quinta 14/05
às 20h30

IDEALIZAÇÃO:
AMANDA RIZZO E
DANIEL HAMER ROIZMAN



PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE

"O PERDÃO NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO"

NO **facebook** **VÍDEO + LIVE**

APRESENTAÇÃO: LEANDRO ALVES RODRIGUES DOS SANTOS

coordenação: Amanda Rizzo

para acompanhar acesse nossa página no facebook: @corpofreudianosaopaulo

Quinta 28/05
às 20h30

IDEALIZAÇÃO:
AMANDA RIZZO E
DANIEL HAMER ROIZMAN



PRODUÇÃO E ESTILO EM PSICANÁLISE

"PERSPECTIVAS DA SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL"

NO **facebook** **VÍDEO + LIVE**

APRESENTAÇÃO: HERNÀN SICULER

coordenação: Daniel Hamer Roizman

para acompanhar acesse nossa página no facebook: @corpofreudianosaopaulo

Quinta 18/06
às 20h30

IDEALIZAÇÃO:
AMANDA RIZZO E
DANIEL HAMER ROIZMAN

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise

CORPO Freudiano São Paulo

CONVERSAS DO CORPO

"OS FUNDAMENTOS DA TOPOLOGIA PSICANALÍTICA: DE LACAN A FREUD E RETORNO."

Com Luis Carlos Petry e Mário Eduardo Costa Pereira

Quinta-feira: 09 de abril 2020
Das 20h30 às 22h

Live pelo Facebook do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo São Paulo

facebook LIVE

ACESSO ABERTO E GRATUITO

CORPO Freudiano São Paulo

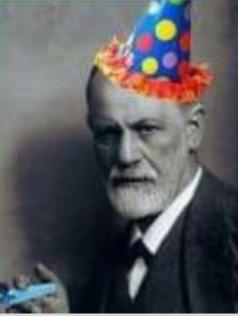
Homenagem aos 164 anos do nascimento de Sigmund Freud

Mesa-redonda seguida de debate com:

- Alan Victor Meyer
- Maria das Graças Ramos Del Corso
- Maria Tereza Martins Ramos Lamberte
- Rodolpho Ruffino

Para acompanhar, acesse nossa página no Facebook:
@corpofreudianosaopaulo

QUARTA 6/5 ÀS 20H30



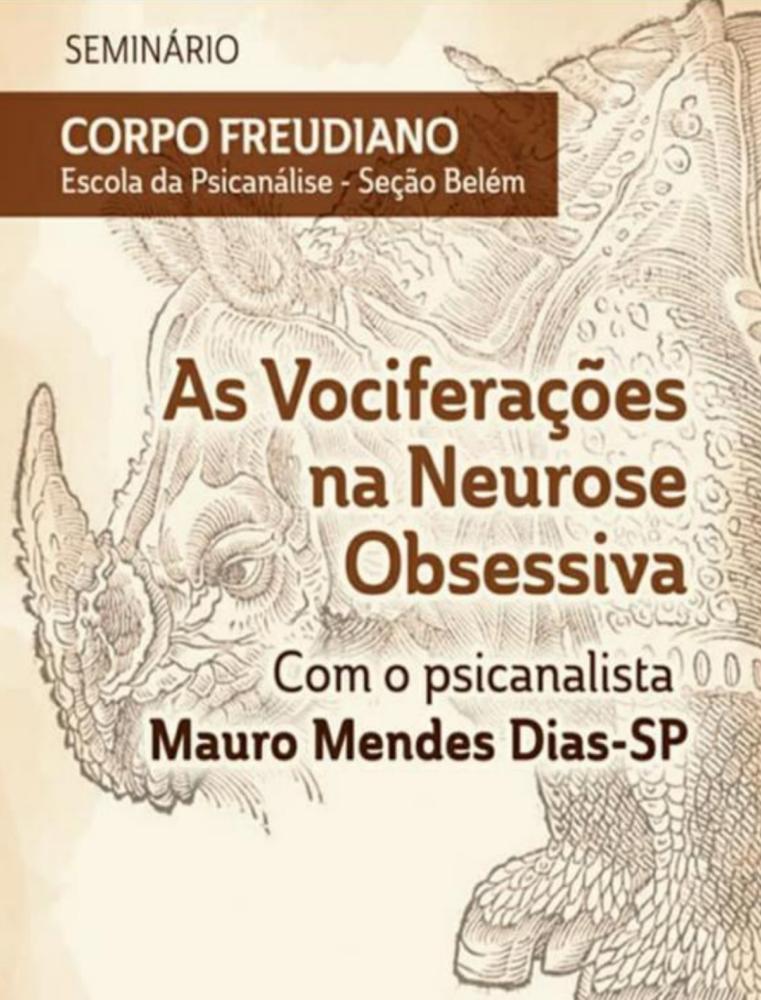
Seção Belém (PA)

SEMINÁRIO

CORPO FREUDIANO
Escola da Psicanálise - Seção Belém

As Vociferações na Neurose Obsessiva

Com o psicanalista
Mauro Mendes Dias-SP



CONVITE

O Corpo Freudiano - Escola de Psicanálise - Seção Belém, sob a direção da Psicanalista Silvia Maria de Souza Levy, tem a honra de convidá-los para o Seminário “As Vociferações na Neurose Obsessiva”, que será ministrado pelo Psicanalista **Mauro Mendes Dias (SP)** e para o lançamento de seu livro em e-book pela Amazon, cujo título é: **Discurso da estupidez, as vociferações e seus tratamentos possíveis - Ed Iluminuras**. O evento acontecerá pelo aplicativo **ZOOM** nos dias 26 e 27 de junho de 2020 às 19h30 e 10h respectivamente.

O objetivo do Seminário é mostrar de que forma, desde o conceito de vociferações, forjado pelo autor, pode-se apreender a vigência da recusa da voz, quando comparece na dinâmica de relações estabelecida na neurose obsessiva. Os tratamentos possíveis serão articulados considerando as dificuldades que a presença do ódio mantém em tais sujeitos.

Seção Paris (Fr)

5 ème laboratoire du concept (ZOOM)

La mélancolie

Dimanche 3 mai 2020

/ 17 h 00

Dans ce Laboratoire nous repropsons le thème de **la mélancolie**, prévu initialement pour le mois de mars, et suspendu à cause du confinement. Nous le repropsons à l'attention d'une nouvelle réflexion, en croyant que ce concept, après les événements dramatiques qui frappent le Monde, assume des nouveaux sens que nous pourrions travailler ensemble. Nous nous invitons aussi à relire Deuil et mélancolie de Sigmund Freud, dans la traduction de Jean-Pierre Rossfelder. Dans ce texte, écrit pendant la première guerre mondiale, Freud réunit pour la première fois les deux concepts : deuil et mélancolie.

Lors de cette rencontre chaque participant est invité à interroger à sa façon le concept en question. Chacun pourra, en se plaçant justement à l'écoute de la parole des autres, s'exprimer, poser ses questions et donner des suggestions à partir de sa propre expérience d'analyste, d'analysant et de vie.

INSCRIPTION ZOOM

CORPOFREUDIANO@FREE.FR

CONTACT / 06 26 80 34 71

Corpo Freudiano Paris

6° Laboratoire du concept

Dimanche 17 mai 2020 / Zoom 17h00

Le FANTASME

La cure psychanalytique nous enseigne que le fantasme a un rapport étroit avec le désir. Elle vise à faire émerger le fantasme qui cause les productions de l'inconscient (rêves, symptômes, lapsus, conduites répétitives). Le fantasme est donc à la fois effet du désir inconscient et cause de toute expression désirante à venir. Les fantasmes seraient-ils alors liés à des objets primaires que le désir ne cesserait de viser ? Serait-il, à la fois, produit du désir archaïque inconscient et matrice de toute expression désirante à venir ?

Lors de cette rencontre chaque participant est invité à interroger à sa façon le concept en question. Chacun pourra, en se plaçant justement à l'écoute de la parole des autres, s'exprimer, poser ses questions et donner des suggestions à partir de sa propre expérience d'analyste, d'analysant et de vie.

Inscription par email:

CORPOFREUDIANO@FREE.FR

CONTACT / 06 26 80 34 71

FREUD MIS EN VOIX

LECTURE DE LA TRAUMDEUTUNG

(RÉUNION ZOOM)

MARDI 26 MAI 2020 / 20H30

Ces soirées de lecture sont ouvertes à tous ceux qui désirent se confronter à la question de la transmission de la psychanalyse. Par la mise en voix de textes et par l'écoute des signifiants du « corpus freudien ». Il s'agira, pour chaque un, de faire surgir et advenir ses propres signifiants, dans un partage et dans un transfert d'étude. Nous lirons la Traumdeutung, dans Œuvres Complètes, Puf, vol IV (1899-1900) (Il faudra se procurer ce volume indispensable). Nous suivrons le texte tel qu'il a été établi, en tenant compte de l'original en allemand et des diverses traductions.

INSCRIPTION ZOOM

CORPOFREUDIANO@FREE.FR

CONTACT / 06 26 80 34 71



CORPO FREUDIANO PARIS

DIMANCHE
21 JUN 2020
 17H00
PARIS

12H00
RIO DE JANEIRO
 À l'occasion
 du centenaire de
 la publication
 de l'ouvrage de
 Sigmund Freud
 « Au-delà
 du principe
 de plaisir »

**Le Troisième Pas
 de Freud**
**Marco Antonio
 Coutinho Jorge**
 Conférence
 internationale
ZOOM
 Connection

<https://zoom.us/j/92650014234>
 ID de réunion : 926 5001 4234

Corpo Freudiano Paris

A l'occasion du centenaire de la publication de l'ouvrage
 de Sigmund Freud « Au-delà du principe de plaisir »,

Conférence internationale
Marco Antonio Coutinho Jorge
Le Troisième Pas de Freud

Dimanche 21 juin 2020
 Conférence ZOOM
 Paris : 17h00
 Rio de Janeiro : 12h00

<https://zoom.us/j/92650014234>
 ID de réunion : 926 5001 4234

La clinique psychanalytique fut incontestablement renouvelée quand Freud introduisit en 1920, avec l'essai « Au-delà du principe de plaisir » le concept de pulsion de mort. Il en donne la preuve avec le poids qu'il octroya à la dimension pulsionnelle en traitant de la question de la fin d'analyse dans un de ses derniers textes : Analyse terminable et analyse interminable (1937).

En considérant que la finalité de la psychanalyse implique le remaniement de la relation du sujet avec la demande de satisfaction impérative inhérente aux pulsions, on peut entendre mieux ce que la découverte de « Au-delà du principe de plaisir » dit à propos des bases du caractère compulsif et répétitif de cette demande. Parce que la ré-pétition est demande d'une satisfaction qui, puisqu'elle n'est jamais satisfaite, se répète indéfiniment. « Au-delà du principe de plaisir » traite des fondements de cette satisfaction impossible, qui se révèle comme l'aspect le plus important du concept de pulsion. Sans objet défini – elle est totalement variable, dit Freud, totalement indifférente, précisera Lacan –, il y a quelque chose dans la « nature de la pulsion sexuelle elle-même qui est défavorable à l'obtention de la satisfaction pleine ». Cette satisfaction impossible est un des éléments principaux qui constituent le concept lacanien de Réel...

Núcleo Teresópolis (RJ)



**O BANQUETE DE PLATÃO
 E O AMOR DE TRANSFERÊNCIA**

seminário ON-LINE com
DENISE MAURANO
 Psicanalista
 Membro do Corpo Freudiano Seção RJ

Realização:
 Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
 Núcleo Teresópolis - Tel.: 98427-1847
 Formação Básica Módulo Transferência e Repetição

SÁBADO
25 de ABRIL
9h30




**A REPETIÇÃO NA
 CLÍNICA FREUDIANA**

Seminário ON-LINE com
DERCIRIER FREIRE
 Psicanalista
 Membro do Corpo Freudiano seção RJ

16 de maio - sábado - 9h30
 Tel.: 98427-1847 - teresopolis@corpofreudiano.com.br



Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
 Núcleo Teresópolis
 Formação Básica Módulo Transferência e Repetição

Seção Cuiabá (MT)

**CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO DE CUIABÁ**



SEMINÁRIO ONLINE

O TRIUNFO DO REAL: ARTE E PSICANÁLISE

Vivian Ligeiro

Dia 16/05

9:30 às 11:30

"O real é uma das grandes contribuições lacanianas para a psicanálise, sendo que o próprio Lacan afirma serem suas apenas duas invenções nesse campo: o real e o objeto a.

O interesse pelo real - que resultou na minha tese de doutorado - se afirmou na curiosidade por determinadas produções artísticas contemporâneas que parecem afrontar e questionar o próprio conceito de arte. Freud, em *O mal-estar na cultura* (1930[1929]/2010), atribui à obra de arte a função de produzir beleza, o que atuaria como paliativo frente ao mal-estar.

Contudo, em algumas obras parece-nos estar em questão o próprio avesso da beleza, evocando o mal-estar, a angústia e o real.

Assim: nos questionamos: como a arte pode transmitir e veicular a dimensão irreduzível do real, lançando mão de recursos simbólicos e imaginários? Qual é a relação entre a arte e o real?"

Vivian Ligeiro

Psicanalista/ Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro

Doutora em psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com estágio de doutorado sanduíche na Université Paris VII- Diderot/ Unité de Formation et de recherche (UFR) d'études psychanalytiques (Paris- França).

**EVENTO ABERTO AO PÚBLICO
EXTERNO DA ESCOLA**



**CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO CUIABÁ
ATIVIDADE INTERNA DA ESCOLA**

SEMINÁRIO ESQUEMA DOS DOIS ESPELHOS

THALES TRIGO

Professor de fotografia e imagem digital na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Bacharel em Física pelo Instituto de Física da USP.

Mestre em Astronomia pelo Instituto Astronômico e Geofísico da USP.

Doutor em Engenharia Elétrica pela Escola Politécnica da USP.



Data: 22 de abril

Horário: 20h.

Vídeo conferência com alunos e membros da Escola.

Núcleo Dourados (MS)

FORMAÇÃO PERMANENTE

3º EVENTO PREPARATÓRIO PARA O X ENCONTRO NACIONAL E X COLOQUIO INTERNACIONAL "O VALOR DA VIDA - 100 ANOS DO ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER"

"QUANTO VALE A VIDA DE UMA MULHER? PONDERAÇÕES SOBRE O FEMININO E A POLÍTICA".

20/04/2020
18:30

Joana Souza

Psicanalista. Diretora do Corpo Freudiano Núcleo Teresópolis. Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ. Doutoranda em Memória Social - UNIRIO. Doutoranda em Psicologia Clínica pela Université Côte d'Azur Nice França.

Evento somente aos membros do Núcleo Dourados.

Plataforma Zoom

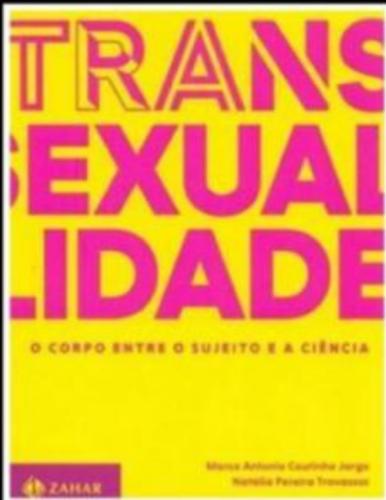


Seção Imperatriz (MA)

IMPERATRIZ-MA

SEMINÁRIO ONLINE COM OS AUTORES DO LIVRO

TRANSSEXUALIDADE
O corpo entre o sujeito e a ciência



Marco Antônio Coutinho Jorge
psicanalista e médico psiquiatra, é professor associado do Instituto de Psicologia/Uerj, onde leciona no Programa de Pós- Graduação em Psicanálise. É diretor do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro e membro da Association Insistance e da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise.

Natália Pereira Travassos
psicanalista associada ao Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, com trabalho voluntário no Grupo Arco-Íris de cidadania LGBT. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise/Uerj e pós-graduada pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do HUCFF/UFRJ.

Data: 29/04/2020 - Quarta-feira
Horário: 20:00h
Informações:
(99)98150-1216

Para assistir o seminário você receberá o link de acesso para participar pelo aplicativo ou site da ZOOM.



Núcleo Barra Mansa (RJ)

Análise pessoal

CORPO FREUDIANO
NÚCLEO
BARRA MANSA

04/05 ÀS 19:00
LAVINIA BRITO

05/05 ÀS 19:30
(ATIVIDADE REGULAR
SEÇÃO RIO)
SEMINÁRIO MAC JORGE

06/05 ÀS 19:00
FERNANDA SAMICO

07/05 ÀS 19:00
MACLA NUNES

08/05 ÀS 20:30
PABLO BISMARCK

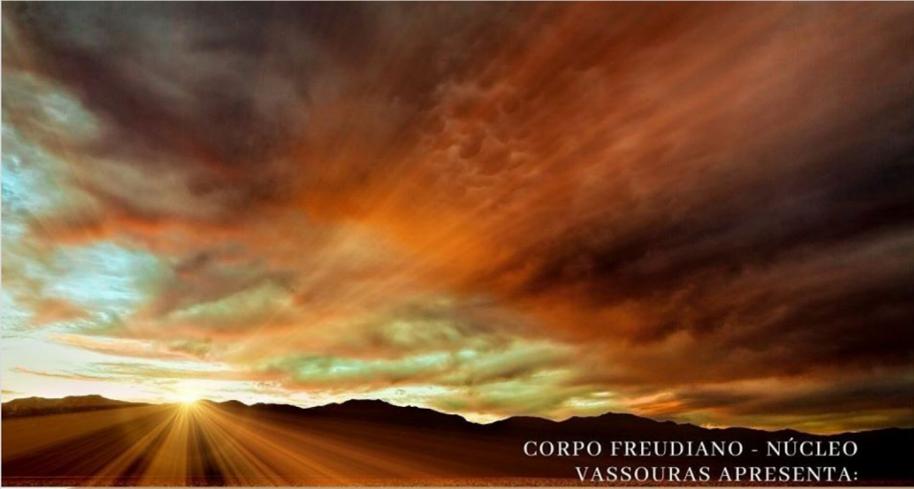
SUPERVISÃO

Ensino Teórico

III Jornada da
Formação do
Psicanalista

Reuniões pelo zoom nos horários
agendados

Núcleo Vassouras (RJ)



CORPO FREUDIANO - NÚCLEO
VASSOURAS APRESENTA:

JANAÍNA BIANCHI
COMENTA ENTREVISTA
DE FREUD:
"O VALOR DA VIDA"

Atividade para associados
DIA 20 de junho, as 10:00
transmissão via ZOOM